

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA E
LITERATURA PORTUGUESA E LÍNGUA E LITERATURA
ESPAÑHOLA

Reufra Xavier Kury

**GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA E ESPAÑHOLA: UM ESTUDO
CONTRASTIVO SINTÉTICO FONÊMICO/ORTOGRÁFICO ENTRE AS VOGAIS
EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA ESPAÑHOLA**

Benjamin Constant – AM, agosto de 2024

Reufra Xavier Kury

**GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA E ESPANHOLA: UM ESTUDO
CONTRASTIVO SINTÉTICO FONÊMICO/ORTOGRÁFICO ENTRE AS VOGAIS
EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA ESPANHOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC II, apresentado no Curso de Letras, da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no Instituto de Natureza e Cultura-INC, como exigência para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Adelson Florêncio de Barros

Coorientador: Prof. Dr. Solano da Silva Guerreiro

Benjamin Constant – AM, agosto de 2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

K96g Kury, Reufra Xavier
Gramática histórica portuguesa e espanhola : um estudo contrastivo sintético fonêmico/ ortográfico entre as vogais em língua portuguesa e língua espanhola / Reufra Xavier Kury . 2024
62 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Adelson Florêncio de Barros
Coorientador: Solano da Silva Guerreiro
TCC de Graduação (Letras - Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Gramática histórica. 2. Língua portuguesa e espanhola. 3. Estudo contrastivo fonêmico/ ortográfico. 4. Vogais. I. Barros, Adelson Florêncio de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Reufra Xavier Kury

**GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA E ESPANHOLA: UM ESTUDO
CONTRASTIVO SINTÉTICO FONÊMICO/ORTOGRÁFICO ENTRE AS
VOGAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA ESPANHOLA**

A banca examinadora abaixo, aprova a Monografia referente ao Trabalho de Conclusão de Curso-TCC II, apresentada para a obtenção do Título de Licenciada em Letras:

Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Solano da Silva Guerreiro –
Coorientador Universidade Federal do
Amazonas – UFAM Instituto de Natureza e
Cultura - INC

Profa. Dra. Tatiele da Cunha Freitas –
Examinadora Universidade Federal do
Amazonas – UFAM Instituto de Natureza e
Cultura - INC

Prof. Me. Juan Emilio Garcia Torres –
Examinador Universidade Federal do Amazonas
– UFAM Instituto de Natureza e Cultura - INC

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são primeiramente a Deus, o criador de todas as coisas, que sem ele eu não teria forças o suficiente para chegar onde cheguei, em seguida, ao apoio da minha abençoada família (irmãos), especialmente à minha mãe Francisca Ribeiro Xavier, que foi a minha principal fonte de motivação, ao meu namorado Rodney Mafra, pelo apoio moral e por compreender a minha ausência nos momentos difíceis da minha trajetória acadêmica. Aos meus amigos, Leandro Batista, João Marcos Gama, Liliane Viana, Kennes Eduardo Gamperys, Enilson Arevalo, Gildeiny Lima, Jaíne Maurício, Marcela Soares e Wagner Costa, são mais que amigos, nos tornamos um grupo com finalidade de auxiliar e fortalecer um ao outro durante nossas trajetórias na universidade. Aos que foram meus mentores do Curso de Letras: Prof. Ricardo Barbosa Moraes; Profa. Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio; Profa. Eliane Aparecida Faria de Paiva; Prof. Jorge Luis de Freitas Lima; Prof. Walcirlei Januário Sá; Prof. Solano da Silva Guerreiro; Prof. Sebastião Melo Campos; Profa. Aldarleny Sá de Barros; Prof. Juan Emilio Garcia Torres; Profa. Jeimy Espitia Alonso; Profa. Mayara Barros de Assis; Prof. Adelson Florêncio de Barros; Profa. Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante; Profa. Lesly Diana Pimentel Yong; Profa. Cristiane Alves da Silva; Prof. Max de Souza Pinheiro, pelo compartilhamento dos seus conhecimentos intelectuais. Em especial, ao meu orientador: Prof. Dr. Adelson Florêncio de Barros, pelo exemplo de humildade, simplicidade ao ensinar, sensibilidade humana e estímulo ao meu crescimento pessoal e profissional. Ao meu coorientador: Prof. Dr. Solano da Silva Guerreiro, que em pleno afastamento do meu orientador por questões de saúde, se comprometeu a ajudar a finalizar meu trabalho de conclusão de curso, seus conhecimentos intelectuais foram essências para conclusão da minha monografia. Pela cordialidade das pessoas que fazem parte da equipe dos servidores da instituição, que de forma direta e indireta nos ajudam, proporcionando um ambiente amigável, de bom convívio e respeito com o próximo, em especial as bibliotecárias do campus institucional da UFAM/BC, mulheres essas, que nos proporcionam um ótimo atendimento ao realizar empréstimos de livros. Para os que foram citados acima, lhes deixo aqui o meu sincero sentimento de gratidão.

EPÍGRAFE

Dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários.

(C.S, Lewis, online, s/p.)

RESUMO

Este trabalho está situado na Gramática histórica portuguesa e espanhola, especificamente na vertente fonêmico/ortográfico, tendo por base teórica preliminar Masip (2003) e (1998); AUSOUBEL (1980); Alarcos (1991). Tem-se por tema Gramática Histórica portuguesa e espanhola: um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Tem-se por objetivo geral investigar por meio da Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e por objetivos específicos: a) verificar as contribuições dos estudos da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa e Língua Espanhola; b) apresentar, a partir de um estudo sintético e contrastivo, a classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a Língua Portuguesa e Língua Espanhola; c) analisar as principais dificuldades fonéticas/ortográficas do brasileiro em relação às vogais em Língua Espanhola e possíveis soluções. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de investigar, a partir da Gramática Histórica, que não deixa de ser a máxima sistematização possível da história de uma língua, reflexões para compreender o presente. Provém da história linguística a lição de que os estudos diacrônicos foram determinantes para a maioria da própria linguística e sua conquista como ciência. Por meio da investigação, buscar-se-á por meio da Gramática Histórica, as origens do Português e do Espanhol, mediante uma abordagem fonêmica/ortográfica, de maneira sintética, indutiva e fragmentária, de modo simultâneo e contrastivo, aspecto muito carente, inclusive, na formação dos docentes do Curso de Letras. Justifica-se, ainda, uma vez que, sendo discente do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua espanhola, faz-se necessário um estudo contrastivo entre as duas áreas de futura atuação, bem como a dificuldade, muito recorrente, em articular os sons vocálicos em Língua Espanhola. O corpus preliminar a ser analisado é constituído por gramáticas, manuais e textos históricos e atuais que evidenciem dão suporte para a proposta de pesquisa. A abordagem é qualitativa com um procedimento teórico-analítico, seguido de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Gramática Histórica. Língua Portuguesa e Espanhola. Estudo Contrastivo Fonêmico/Ortográfico. Vogais.

RESUMEN

Este trabajo trata sobre la gramática histórica portuguesa y española, específicamente en el aspecto fonémico/ortográfico, teniendo como base teórica preliminar a Masip (2003) y (1998); AUSUBEL (1980); Alarcos (1991). El tema es Gramática histórica portuguesa y española: un estudio sintético contrastivo fonémico/ortográfico entre vocales del portugués y español. El objetivo general es investigar a través de la Gramática Histórica Portuguesa y Española un estudio sintético contrastivo fonémico/ortográfico entre las vocales del portugués y español y, los objetivos específicos: a) verificar la contribución de los estudios de Gramática Histórica para la comprensión de la lengua portuguesa y lengua española; b) presentar, a partir de un estudio sintético y contrastivo, la clasificación fonémica/ortográfica de las vocales del portugués y español; c) analizar las principales dificultades fonéticas/ortográficas de los brasileños en relación a las vocales en español y posibles soluciones. La investigación se justifica por la necesidad de indagar, a partir de la Gramática Histórica, que no deja de ser la máxima sistematización posible de la historia de una lengua, reflexiones para comprender el presente. La lección de que los estudios diacrónicos fueron decisivos para la mayoría de edad de la lingüística misma y su logro como ciencia proviene de la historia de la lingüística. A través de la investigación se buscarán los orígenes del portugués y del español a través de la Gramática Histórica, a través de un enfoque fonémico/ortográfico, de manera sintética, inductiva y fragmentaria, de manera simultánea y contrastiva, aspecto que está muy ausente, incluso, en la formación de docentes de Curso de Literatura. También se justifica, ya que, al ser estudiante del Curso de Licenciatura em Letras: Lengua y Literatura Portuguesa e Lengua y Literatura Española, se hizo necesario un estudio contrastivo entre ambas áreas de actividad futura, así como la muy recurrente dificultad para articular los sonidos vocálicos en español. El corpus preliminar a analizar está compuesto por gramáticas, manuales y textos históricos y actuales que brindan soporte a la propuesta de investigación. El enfoque es cualitativo con un procedimiento teórico-analítico, seguido de investigación bibliográfica.

Palabras clave: Gramática Histórica. Idiomas portugués y español. Estudio contrastivo fonémico/ortográfico. Vocales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Alfabeto fenício | 26 |
| Figura 2 – Alfabeto grego | 26 |
| Figura 3 – Alfabeto alemão | 27 |
| Figura 4 – Imagem demonstrativa do sistema respiratório | 34 |
| Figura 5 – Imagem demonstrativa do aparelho fonador | 35 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Apresentação das vogais do latim clássico e do latim vulgar | 28 |
| Quadro 2 – Diagrama fonológico vocálico do Português falado no Brasil | 32 |
| Quadro 3 – Diagrama fonológico vocálico do Espanhol | 33 |
| Quadro 4 – Diagramas de fonemas, sons e letras espanholas | 33 |
| Quadro 5 – Contrastes fonológico/ortográficos em Português | 35 |
| Quadro 6 – Contrastes fonológico/ortográficos em Espanhol | 36 |
| Quadro 7 – Emissão e grafia do fonema espanhol /i/ | 38 |
| Quadro 8 – Emissão e grafia do fonema espanhol /e/ | 39 |
| Quadro 9 – Emissão e grafia do fonema espanhol /a/ | 40 |
| Quadro 10 – Emissão e grafia do fonema espanhol /o/ | 41 |
| Quadro 11 – Emissão e grafia do fonema espanhol /u/ | 42 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| A.C | Antes de Cristo |
| CIEMEN | Centro Internacional Escarre para Minorias Étnicas e Nações |
| D.C | Depois de Cristo |
| DUDL | Declaração Universal dos Direitos Linguísticos |
| INC | Instituto de Natureza e Cultura |
| LDBEN | Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| LE | Língua Espanhola |
| LI | Língua Inglesa |
| LM | Língua Materna |
| LP | Língua Portuguesa |
| PCNs | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PENCLUB | Clube Internacional de Escritores |
| UFAM | Universidade Federal do Amazonas |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 PRIMEIRAS PALAVRAS | 12 |
| 2 PANORAMA TEÓRICO | 17 |
| 2.1 A contribuição da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE) | 18 |
| 2.2 Breve História da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE) | 19 |
| 2.3 Influências das línguas germânicas e árabes sobre o latim | 21 |
| 2.4 Português e Espanhol, duas línguas próximas | 23 |
| 2.5 Fonética e ortografia latina: breve consideração | 25 |
| 2.5.1 O alfabeto fenício | 26 |
| 2.5.2 O alfabeto grego | 26 |
| 2.5.3 O alfabeto alemão | 27 |
| 2.6 As vogais em Língua Portuguesa (LP) e em Língua Espanhola (LE) | 28 |
| 2.7. Os ditongos e a sua realização em Português e Espanhol | 29 |
| 2.7.1 Vogais átonas | 30 |
| 2.7.2 Vogais tônicas | 31 |
| 2.8 Fonologia, fonética e ortografia: definição e classificação | 32 |
| 2.9 Emissão e grafia das vogais espanholas | 35 |
| 2.10 As principais dificuldades fonéticas e ortográficas dos brasileiros em relação às vogais em Língua Espanhola e como superá-las | 37 |
| 2.10.1 Dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que realizam /i/ | 38 |
| 2.10.2 Dificuldades ortográficas dos brasileiros diante as letras espanholas que realizam /i/: i , y . Confundem o i com o y | 39 |
| 2.10.3 Dificuldades fonéticas dos brasileiros diante os sons do espanhol que realizam /e/ | 39 |
| 2.10.4 Dificuldades ortográficas dos brasileiros ante a letra espanhola que realiza /e/ | 40 |
| 2.10.5 Dificuldade fonética dos brasileiros ante os sons espanhóis que realizam /a/ | 40 |
| 2.10.6 Dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que emitem /o/ | 41 |
| 2.10.7 Dificuldades fonéticas do brasileiro diante dos sons espanhóis que emitem /u/ | 42 |
| 2.10.8 Dificuldades ortográficas dos brasileiros diante a letra espanhola /u/: | 43 |
| 3 METODOLOGIA | 44 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 47 |

| | |
|---|-----------|
| 4.1 As contribuições dos estudos da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa e Língua Espanhola | 47 |
| 4.2 A classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a Língua Portuguesa e Língua Espanhola: um estudo sintético e contrastivo | 50 |
| 4.3 As principais dificuldades fonéticas/ortográficas do brasileiro em relação às vogais em Língua Espanhola e possíveis soluções | 52 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 58 |
| REFERÊNCIAS | 60 |

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Esta pesquisa versa sobre a Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola: um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola, e concentra-se em investigar por meio da Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola.

Para responder ao objetivo geral foi necessário elaborar três objetivos específicos, sendo: a) Verificar as contribuições dos estudos da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa e Língua Espanhola; b) Apresentar, a partir de um estudo sintético e contrastivo, a classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a Língua Portuguesa e Língua Espanhola e c) Analisar as principais dificuldades fonéticas/ortográficas do brasileiro em relação às vogais em Língua Espanhola e possíveis soluções.

No decorrer do percurso da minha formação no curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, surgiram algumas inquietações, estas alimentadas pelas dificuldades que eu sentia ao tentar comunicar-me em Língua Espanhola, visto que o curso é de licenciatura dupla, qualificando o(a) professor(a) para atuar em Língua Portuguesa (LP) quanto em Língua Espanhola (LE).

Pela intensa e constante comunicação que os seres humanos estabelecem como forma de interação, existe a necessidade de se estudar duas ou mais línguas, buscando compreender as complexidades envolvidas nestas. Tais interações podem ocorrer por meio de gestos, posturas, olhares, sons, contato físico, olfato, entre outros. Assim, nas palavras de Masip (1998), alguns sons que emitimos e escutamos formam um código chamado língua, esta nos permite entender e distinguir cada um dos signos desse código e seu significado.

Uma vez que, são subcampos predominantes da linguística, onde são desenvolvidos os estudos da linguagem, uma área que se dedica a aspectos específicos da comunicação, incluindo a estrutura, origem, evolução, variação, o uso e os significados de uma determinada língua.

Esta pesquisa é de grande relevância, principalmente para a formação dos alunos do Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura

Espanhola. Uma vez formado na área da LE, o profissional terá mais oportunidade no mercado de trabalho, podendo exercer a função de tradutor, guia turístico, intérprete, professor de Língua Espanhola, entre outras funções, mas para isso, é necessário que o profissional seja fluente no idioma ou tenha a capacidade de comunicação com o indivíduo nativo e não nativo, pois isso facilitará suas relações interpessoais. É também uma oportunidade de avanço nas pesquisas fonêmicas em sua representação ortográfica. Nas palavras de Masip (2003), o estudo na área da Linguística resulta em um grande desafio por ser difícil estabelecer um perfeito paralelismo entre o som e a grafia. É com o auxílio da Fonética e da Fonologia que se podem analisar aspectos da linguagem com alguma precisão, uma vez que a gramática e a ortografia são muito limitadas.

O papel da Fonética é fundamental nos estudos linguísticos, pois ela se encarrega do estudo dos sons da fala, e sua produção, transmissão e percepção. Os estudos fonéticos são importantes para compreender a mudança diacrônica na área da Linguística, e por meio dessas mudanças podemos conhecer as adversidades dos sons em diferentes línguas, com suas semelhanças e diferenças entre cada idioma.

No que se refere à Fonologia, esta é de grande utilidade nos estudos das mudanças linguísticas ao longo do tempo e é responsável pela análise dos sons de uma língua, ou seja, como os sons são organizados em um sistema linguístico, conforme o seu processo de evolução ao longo das gerações. Dessa forma, os estudos de Fonética e Fonologia ajudam a documentar e entender essas variações, o que é importante para a pesquisa linguística.

Recorremos a autores e estudiosos que discutem sobre a temática. A título de exemplificação, destaca-se: Masip (2003) e (1998); Bezerra (2011); Coutinho (2011); Guimarães (2005); Marconi (2009), Oliveira (2009); Fiorin (2017); Magnoli (2006); e Ausubel (1980, p. 8), que explica “[...] o estudo a uma tentativa de alicerçar o ensino de espanhol a brasileiros sobre o que estes já sabem, numa área restrita e limitada [...]”. Por essa razão, é preciso ampliar as investigações, mas, também, dar condições e acesso para uma melhor formação dos discentes em um curso de dupla licenciatura.

Dito isto, cabe questionamentos como: Qual seria a contribuição da Gramática Histórica no processo de compressão da origem da Língua Portuguesa e Língua Espanhola? E quais as dificuldades do falante de Língua Portuguesa ao articular a pronúncia das vogais em Língua Espanhola? E quais seriam as possíveis soluções para amenizar essas fragilidades?

Justifica-se a pesquisa pela necessidade de investigar, a partir da Gramática Histórica, e compreensão das origens do Português e do Espanhol, mediante uma abordagem fonêmica/ortográfica, de maneira sintética e contrastiva, aspectos muito carentes, inclusive, na

formação dos futuros docentes do Curso de Letras do INC.

Cita-se, a título de exemplificação, o Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, que faz parte do Campus Universitário do Polo Alto Solimões, com sede em Benjamim Constant, criado por meio da Resolução 024/2005, de 25 de novembro de 2005, e busca atender a demanda da Área de atuação dos profissionais a serem formados não apenas do Alto Solimões, mas qualquer indivíduo que queira estudar no Instituto de Natureza e Cultura INC/UFAM.

De acordo com o Projeto Político de Curso (PPC, 2013), o Curso de Graduação em Letras Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, Licenciatura Dupla, foi criado por meio da Resolução 041/2005, de 25 de novembro de 2005. A opção pelo curso de Letras resultou da demanda apresentada pela comunidade à comissão de implantação da Universidade. A escolha da segunda habilitação em Língua Espanhola justifica-se pelo fato de Benjamin Constant fazer fronteira com o Peru e ter proximidade com a Colômbia, países hispano-falantes, configurando-se como uma região possibilitadora do intercâmbio de culturas.

O referido PPC (2013) discorre, portanto, acerca da necessidade da aprendizagem da língua materna, juntamente com uma língua estrangeira moderna, sendo um direito de todo cidadão, conforme exposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e também na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL), publicada pelo Centro Internacional Escarre para Minorias Étnicas e Nações (CIEMEN) e pelo Clube Internacional de Escritores (PENCLUB).

Nesse sentido, o PPC (2013) replica o que orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Estrangeira ao mencionar que a escola regular não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem, devendo garantir a continuidade e a sustentabilidade de seu ensino. Para que a escola atenda a essa função, a Universidade precisa formar profissionais para atuarem no ensino da língua estrangeira. Sem isso, a escola não poderá dar conta da sua função, pois ela depende de profissionais habilitados oriundos de Instituições de Ensino Superior. Assim, um curso que objetiva formar professores para atuarem no ensino da língua estrangeira tem sua legitimidade constitucional, uma vez que contribui com o progresso futuro de uma nação que tem como prioridade a educação e a inclusão social.

Justifica-se, ainda, uma vez que, sendo discente do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, faz-se necessário um estudo contrastivo entre as duas áreas de futura atuação. Sabe-se que o Português e o Espanhol são duas línguas próximas e possuem um perfil linguístico semelhante por ter a mesma origem

latina e influências parecidas de línguas germânicas.

O que motivou a temática do projeto de pesquisa é o fato de que mesmo sendo duas línguas com a mesma origem, provindas do latim, ambas possuem suas semelhanças e diferenças na produção dos sons da fala. Cabe enfatizar que a Fonética e a Fonologia são subcampos da Linguística que se concentram no estudo dos sons da fala em uma determinada língua, nesse caso, um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Elas desempenham funções distintas no entendimento da produção, percepção e organização dos sons da linguagem.

Essa pesquisa recorre à Fonética por ela ter competência de descrever os sons da fala de maneira objetiva e sistemática, de analisar de que forma os sons são produzidos, transmitidos e percebidos por meio de símbolos fonéticos como representação ortográfica dos sons. Já a Fonologia é encarregada dos fonemas, que são os sons distintivos de uma língua, sendo essa área responsável pela organização dos fonemas, seguindo os padrões e as regras gramaticais de uma língua específica.

Em termo de qualificação profissional, em um curso de licenciatura dupla, e que exige do discente universitário a capacitação em ambas as línguas, faz-se necessário que os discentes estejam preparados para atuar como futuros mediadores do conhecimento de fenômenos linguísticos. A proficiência na Língua Espanhola é um quesito exigido pelo mercado de trabalho, em que o profissional que deseja atuar na área como professor de Língua Espanhola precisa ter uma compreensão sólida da estrutura da língua, o que inclui o conhecimento da Gramática e demais áreas de conhecimento.

Acerca da Gramática Histórica, Coutinho (2011, p.13) explica que “[...] a Gramática Histórica é um sistema responsável pelo estudo dos fatos, origem evolutiva de uma determinada língua no decorrer dos anos [...]”. Ela é responsável por fazer uma análise histórica evolutiva de uma língua.

Dessa forma, os professores de Língua Espanhola, ou de qualquer outro idioma, precisam ser fluentes, tanto na escrita quanto na oralidade, sem perder de vista o necessário conhecimento da parte teórica que envolve o sistema gramatical da língua. É imprescindível que o futuro profissional licenciado em Língua Portuguesa e Língua Espanhola esteja o mais instruído possível para exercício de sua profissão de modo a garantir que seus futuros discentes recebam também uma educação e formação de qualidade.

Particularmente, esse trabalho é importante para aqueles que apresentam dificuldades ou fragilidades no aprendizado, não apenas no processo de ensino, mas também no processo de aprendizagem de uma língua. Afinal, ter a formação e a capacitação em uma segunda

língua pode abrir portas para oportunidades no mercado de trabalho, não só na área educacional, mas em qualquer outra área onde esse profissional deseja ou possa atuar.

Com isso, faz-se necessário nessa investigação o embasamento teórico que dê sustentação às discussões que se farão presentes em sua redação, ao longo do processo analítico e discursivo.

2 PANORAMA TEÓRICO

Como é sabido, há a necessidade de sustentação teórica dos projetos de pesquisa, sendo assim, esta seção aponta as contrições da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE); apresenta, também, uma Breve História da Língua Espanhola e Língua Portuguesa, bem como as influências das línguas germânicas e árabes sobre o latim, distinguindo a LP da LE; ademais, Português e Espanhol, duas línguas próximas; nesse mesmo panorama, Fonética e Fonologia latina: breve consideração; assim como, o alfabeto fenício e o alfabeto grego; inclusive, a influência vocálica do árabe e das línguas germânicas sobre ambas as línguas. Vogais tônicas; como acréscimo, os ditongos e sua realização em Português e Espanhol; adicionando, vogais átonas; tal qual, fonética, fonologia e ortografia. Definição e classificação; emissão e grafia das vogais espanholas; em complemento, as principais dificuldades fonéticas e ortográficas dos brasileiros em relação as vogais em Língua Espanhola e como superá-las; da mesma maneira, dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que realizam /i/; como também, dificuldades ortográficas dos brasileiros diante as letras espanholas que realizam /i/: i, y. Confundem o i com o y; do mesmo modo, dificuldades fonéticas dos brasileiros diante os sons do espanhol que realizam /e/; assim como, dificuldades ortográficas dos brasileiros ante a letra espanhola que realiza /e/; juntamente, dificuldades fonéticas dos brasileiros ante os sons espanhóis que realizam /a/; ainda, dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que emitem /o/; como acréscimo, dificuldades fonéticas do brasileiro diante dos sons espanhóis que emitem /u/; até, dificuldades ortográficas dos brasileiros diante a letra espanhola /u/: u.

2.1 A contribuição da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE)

A Gramática Histórica não é uma ciência inteiramente autônoma, mas está

subordinada à Glotologia¹, em cujas conclusões deve basear os seus princípios; do mesmo modo, o papel do gramático se subordina ao do glotólogo. Coutinho (2011, p.13) conceitua a Gramática Histórica como “[...] a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual [...]”. No que tange Coutinho (2011, p. 13):

Enquanto esta se ocupa de uma língua no estado atual, aquela, remontando no passado às suas origens, ao seu período de formação, explica-nos as transformações por que essa mesma língua passou, na sua evolução através do espaço e do tempo. Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos.

Nesse sentido, a Gramática Histórica é responsável por fazer uma análise histórica evolutiva de uma língua, é de sua finalidade a busca por informações (dados/pesquisas) da história (passado) de uma determinada língua e do seu período de formação, para assim poder explicar detalhadamente o processo de surgimento, e evolução que essa língua (ou idioma) passou no decorrer dos antepassados até os tempos atuais. O gramático por sua vez, tem por função observar essas transformações, e por elas formular os princípios e as leis.

Glótica é criação alemã. Todos estes termos já estão entre nós suficientemente consagrados. Nas palavras de Coutinho (2011, p. 15):

Sobre o estudo da linguagem, a Glotologia a encara sob o aspecto fisiológico e psicológico. Assim, é privativo desta ciência o estudo dos sons da voz humana, da origem da linguagem (2), do seu desenvolvimento sucessivo, dos fenômenos gerais que as línguas apresentam, da classificação das línguas, etc. a Glotologia estuda uma ou mais línguas, sem outra finalidade que não seja o seu conhecimento. Para ela, tanto monta aplicar-se a um idioma bárbaro, sem monumentos literários, como a outro que tenha rica literatura.

Tanto a Gramática Histórica quanto a Glotologia são duas ciências que estão encarregadas dos estudos históricos do surgimento, formação e evolução da língua. Tendo em vista que a Gramática Histórica se preocupa com o aspecto histórico, origem e evolução da língua como idioma, seu tempo, espaço e o desenvolvimento da linguagem, especificamente com o estudo dos sons da voz humana.

A seguir será exposto um breve estudo sobre a origem, evolução e um estudo comparativo da LP e da LE, duas línguas oriundas do latim. Embora ambas tenham raízes

¹ De acordo com Coutinho (2011, p. 15) “A Glotologia é a ciência que estuda uma ou mais línguas, sem outra finalidade que seja o seu conhecimento, sua origem e seu desenvolvimento da linguagem.”

latinas e compartilhem uma história semelhante na Península Ibérica, cada uma se desenvolveu diferentemente, formando sua própria identidade linguística no decorrer dos anos.

2.2 Breve História da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE)

Nas contribuições de Coutinho (2011, p. 46) “[...] a língua portuguesa proveio do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica [...]”. Pode se afirmar com mais prioridade que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformado, no grupo das línguas românicas ou novilatinas.

A história da Língua Portuguesa remonta ao século III a.C., com a chegada dos romanos à Península Ibérica. Os romanos se estabeleceram na província chamada Lusitânia, que englobava a maior parte do território que hoje corresponde a Portugal. Com a presença dos romanos, o latim vulgar começou a ser falado na região, e esse foi o ponto de partida para o desenvolvimento da Língua Portuguesa.

Ao longo dos séculos, o latim vulgar teve influência de diversas línguas e dialetos, como, por exemplo, o celta, o visigótico, o árabe e outras línguas que existiram naquela região, e que diante das circunstâncias históricas, e levando em conta o desenvolvimento do nosso idioma, vemos que estão intimamente ligados a fatos ocorridos na história geral da Península, onde haviam vários povos habitantes, muito antes dos romanos.

A Língua Portuguesa formou-se como língua específica, na Europa, pela diferenciação que o latim sofreu na Península Ibérica durante o processo de contatos entre povos e línguas que se deram a partir da chegada dos romanos no século II a.C., por ocasião da segunda Guerra Púnica, no ano de 218 a.C.

Na Península Ibérica, o latim entrou em contato com as línguas ali existentes. Depois houve o contato do latim já transformado com as línguas germânicas, no período de presença desses povos na península de 409 a 711 d.C.. Em seguida, com a invasão muçulmana (árabes e berberes), esse latim modificado, e já em processo de divisão, entra em contato com o dialeto Árabe.

Em meados do século XV, com as grandes navegações e a expansão marítima portuguesa, o português (pessoa) começou a se multiplicar, principalmente com as grandes

navegações, e colonizar outros povos e territórios impondo a Língua Portuguesa nos vários continentes do mundo. Dessa forma, os navegadores portugueses estabeleceram colônias em diferentes partes do globo, incluindo o Brasil, África, Ásia e ilhas do Oceano Índico. Essas viagens contribuíram para a expansão do vocabulário e a diversificação da Língua Portuguesa, com influências de idiomas nativos, africanos e asiáticos.

No século XVI, com o surgimento do Império Colonial de Portugal, o Português torna-se um idioma global. Durante o período Renascentista, grandes escritores portugueses, como Luís Vaz de Camões, contribuíram para a padronização e o enriquecimento da língua. Com o passar do tempo, o Português vem evoluindo cada vez mais e se adaptando às mudanças políticas, sociais e culturais.

A história do surgimento da Língua Espanhola está ligada à história da Península Ibérica e aos diversos povos que habitaram a região ao longo dos séculos. O Espanhol é a língua da maioria dos países que compõem a América Latina, que no século XVI foram colonizados pela Espanha cuja língua originou-se do Latim vulgar.

A origem da Língua Espanhola se deu no início do primeiro milênio a.C.. A Península Ibérica já era habitada por diversos povos, e esses povos eram chamados pelos gregos de Iberos. Houve invasões das tribos celtas que se espalharam pelo norte e noroeste, e pelos fenícios, ao sul da Península entre os séculos X e XVI a.C..

Devido às invasões, houve o contato entre diferentes povos, mediante seus costumes, culturas e dialetos². E dessa mescla, conseqüentemente, originaram-se novas línguas, ou seja, pelo contato entre os povos e pela diversidade cultural advindo de várias regiões para aquele território, teve uma influência muito relevante para a originalidade linguística e sua historicidade relatado no parágrafo anterior.

A Língua Espanhola, também conhecida como castelhano, teve suas origens no latim vulgar, assim como as demais línguas românicas. Durante o período romano, a Península Ibérica foi ocupada pelos romanos, e o latim foi introduzido como língua oficial.

Após a queda do Império Romano no século V, a Península Ibérica foi invadida pelos povos germânicos, que estabeleceram diversos reinos na região. A partir do século VIII, com a invasão muçulmana, conhecida como a ocupação moura, a Península Ibérica passou a ser dominada pelos árabes. Durante esse período, que durou cerca de 800 anos, o árabe influenciou fortemente o latim vulgar falado na região. Muitas palavras de origem árabe foram incorporadas ao vocabulário e à estrutura gramatical do latim vulgar.

² De acordo com Coseriu (2017, p. 18), Dialeto é uma língua (equivalente a “sistema linguístico”), subordinada a uma língua histórica ou determinada no interior de uma língua histórica.

Após a reconquista cristã da Península Ibérica, o latim vulgar, com influências árabes, passou a evoluir separadamente em cada região. No entanto, foi na região de Castela, no centro norte da atual Espanha, que o castelhano começou a se destacar como uma língua autônoma. Graças ao rei Afonso X, “o sábio”, que o castelhano se consolidou como língua em meados dos séculos XIII e XIV. Ele promoveu o uso do castelhano na corte e nas instituições.

Com a união política de Isabel de Castela e Fernando de Aragón, o castelhano se tornou a língua oficial do reino e começou a ser utilizado nas explorações e colonizações ultramarinas.

No século XVI, com a colonização das Américas e a formação do vasto Império Espanhol, o castelhano se difundiu por todo o continente americano. A colonização espanhola deixou uma forte influência na língua.

Após o aporte teórico e a contribuição da Gramática Histórica para compreensão do surgimento da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE), para adjeção a temática abordada até o momento, veremos adiante, as influências das línguas germânicas e árabes.

2.3 Influências das línguas germânicas e árabes sobre o latim

A LP é um idioma que sofreu fortes influências de outros países para obter o português atual, disso resultam várias dificuldades de se ter uma língua estabilizada e unificada. A maior parte do léxico do Português é derivada do latim³, já que o português é uma língua românica. No entanto, por causa da origem celta de Portugal e a participação do país na Era dos Descobrimentos, adaptou palavras de todo o mundo. Atualmente a Língua Portuguesa ostenta no seu vocabulário termos provenientes de diferentes idiomas como o tupi, o quicongo, o quimbundo, o umbundo⁴, o provençal, o holandês⁵, o hebraico, o persa, o quíchua, o chinês, o turco, o japonês, o alemão, o russo, o inglês, o francês e o italiano.

³ O latim é a língua oficial do vaticano, o Latim era falado na Europa Ocidental até meados da Idade Média, permeando ainda alguns séculos como língua culta, isto é, erudita, usada pelos escritores e cientistas. Segundo Ilari (1999, p. 48) “[...] as línguas com que o latim entrou em contato por efeito das conquistas pertenciam a diferentes famílias linguísticas. E eram bastante diferentes entre si [...]”. O latim vulgar é considerado um latim popular, coloquial e até mesmo “banal”, usado pelas camadas mais humildes da população romana de menor prestígio em situações informais. (Ilari, 1999, p. 58).

⁴ Quicongo, quimbundo e umbundo são línguas africanas do grupo banto, faladas no Libolo (Angola). ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; PETTER, Margarida (2021, p. 196).

⁵ Segunda Guerra Púnica foi uma das três guerras traçadas pela expansão de territórios, as guerras púnicas ocupam um destaque entre os vários conflitos em que Roma se envolve no período republicano. A partir dessas guerras, os romanos vão, gradualmente, desenvolvendo as táticas de seu exército e definindo suas estratégias de ocupação nos territórios conquistados, expandindo assim os limites de suas conquistas.

Também houve influência de algumas línguas africanas. Nas palavras de Azeredo (2000, p. 72).

Quando a língua portuguesa começou a ser escrita – no início do século XIII – seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes. Trata-se do acervo vocabular que se pode denominar hereditário, isto é, aquele surgido junto com o idioma, que a ele forneceu padrão fonético e morfológico.

Diante do exposto, a Língua Portuguesa além de derivar do latim, traz em sua origem uma miscigenação do encontro cultural de quase todos os continentes, sem esquecer de alguns dialetos usados em outras partes que pouco conhecemos, pois sabemos que a língua está em constante mudança, não basta apenas estudá-la, é preciso buscar conhecê-la de forma investigativa a sua origem e as contribuições para sua formação.

A Língua Portuguesa sofreu a influência da Língua Árabe, influência que ultrapassa em muito a extensão que a maioria dos autores se referem, não só em termos de “marcas” no seu léxico, como da própria forma como se opera. O autor Nimer (1942, p. 13) destaca que:

A difusão dos vocábulos Árabes não é devido à conquista dos muçulmanos. É consequência da irradiação de sua civilização Árabe sob o império da necessidade pela força natural dos fatos, quando essa civilização entrou em contato com outras formas de civilizações diferentes, às vezes superiores tomou-lhes emprestado uma porção de vocábulos que foi assimilada pelo árabe.

Os romanos tinham uma cultura superior a esses povos invasores, e eram mantidos em colônias no Império Romano, o que possibilitava aos estrangeiros a interação com outros povos, havia uma troca de experiências. Certamente havendo uma miscigenação de povos, e o convívio com vários idiomas, a consequência disso foi a absorção da cultura, dos ensinamentos no campo das ciências jurídicas, da arte militar, da administração e da arquitetura, dos povos Celtas, Iberos, Gregos e Cartagineses que ali se misturavam.

A Língua Portuguesa e a Língua Espanhola possuem suas semelhanças e, ao mesmo tempo, suas diferenças, por serem derivadas do latim. Porém, é de suma importância levar em consideração que as bases articulatórias do português, embora sejam parecidas, com as do idioma castelhano, o aprendiz brasileiro ou de qualquer outra nacionalidade deve monitorar-se em relação a produção sonora das palavras em Língua Espanhola. Nesse sentido, Oliveira (2009, p. 30):

O ensino de línguas estrangeiras irmãs ou geneticamente relacionadas tem suas peculiaridades, e entre elas encontramos a interferência da língua materna

(LM) no processo de aprendizagem da língua estrangeira (LE). Esta situação ocorre quando o aprendiz produz erros na língua estrangeira estudada em decorrência da influência da língua materna. Esses erros ou desvios podem ocorrer no campo fonológico, sintático, morfológico, semântico e léxico, porque o indivíduo tende a transportar as informações do sistema linguístico de sua língua materna para a aquisição da língua estrangeira, provocando uma confluência de dados de ambos os idiomas.

As dificuldades do aprendizado se dão devido às interferências, as fragilidades e desvios da língua. É certo que nenhum indivíduo nasce sabendo de um determinado assunto, daí parte o processo de aprendizado ou adequação de tal língua, e aquisição de novas descobertas e perspectivas diferentes quando se quer aprender um novo idioma. Torna-se mais difícil quando o falante ignora o que passa despercebido, as unidades fonéticas e ortográficas dessa língua. Para aprender um novo idioma é necessário conhecer sua origem e entender sua estrutura, o que requer estudo, leitura, prática oral.

A aquisição pode ser facilitada pela convivência com os nativos da língua que se quer aprender, tudo isso faz parte de um processo, de modo que aprender e conhecer um novo idioma leva tempo, disponibilidade e principalmente estudo, além de ser uma língua estrangeira, neste caso o espanhol, que em parte se assemelha com o português, e que possui várias características diferentes, tais como: a sua origem e evolução, bem como sua história cultural-política, etc. E essa aprendizagem se torna muito mais difícil devido às interferências que o indivíduo já possui da sua língua materna L1(primeira língua), o que dificulta a aquisição de uma língua estrangeira L2 (segunda língua), neste caso o espanhol.

Ao deparar-nos com a significativa importância das influências da Língua Germânica e da Língua Árabe para a formação dos idiomas Português e Espanhol, vejamos agora, as peculiaridades do Português e Espanhol.

2.4 Português e Espanhol, duas línguas próximas

A Língua Portuguesa e a Língua Espanhola possuem muito em comum, inclusive a proximidade na fala. Por terem origem latina, possuem influências de línguas germânicas, gótico e árabe. Por serem duas variantes do latim, cria-se o desafio de detectar suas diferenças e semelhanças, afim de descobrir suas raízes.

Sabemos que no mundo todo há uma variedade de línguas e dialetos que compõe uma estrutura social e que faz parte da cultura linguística de cada povo. Assim menciona Faraco (2005, p. 45) em relação as mudanças linguísticas com o passar dos séculos.

Assim, cada estado da língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico; do mesmo modo que, cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes. Dessa maneira, se o português do século XIII era diferente do português de hoje, o português do futuro será diferente do de hoje: entre eles há um interrupto processo de mudança.

Até se tornar Português e Espanhol, o latim teve que passar por um processo lento, gradual e sucessivo à mudanças mediante o processo de formação da LP e da LE, vemos que há uma mistura linguística a partir da originalidade de cada povo, esta mesma originalidade pode ser considerada como uma mistura de culturas que se dão a partir da união e contato com outros povos. O mesmo sucedeu com povos que naquela época tentaram se apossar de diversos territórios que inicialmente fizeram parte do contexto do histórico das línguas da Península Ibérica. Oliveira (2020, p. 41) menciona que:

A língua latina foi levada à Península Ibérica pelos conquistadores romanos aproximadamente no século II a.C.. Nesse momento histórico, o latim já não tinha a configuração do latim clássico, em virtude de a romanização não ter ocorrido uniformemente em todo o Império em seu auge. Muitos fatores foram responsáveis e impulsionaram a fragmentação linguística, como o contato com as línguas dos povos vencidos; grau de interesse dos romanos pelo lugar conquistado, cercania com Roma; tempo decorrido entre várias regiões conquistadas; contato com os idiomas invasores.

A formação histórica que se deu a partir da expansão dos povos ibéricos, possibilitou também a expansão do conhecimento trazido pelos povos que habitavam as diferentes partes da região ibérica. Com isso, pode-se dizer que diante do contexto da formação das línguas ibéricas, ocasionou a expansão de costumes bem como da cultura religiosa. Nas contribuições de Lima (2022, p. 14).

A Península Ibérica é uma região cuja ocupação é antiga e por esse motivo sofreu a influência de vários povos na formação de sua cultura. O povo árabe, que praticava o comércio entre o oriente e o ocidente, conheceu vários povos com costumes diversos, dos quais fez uma fusão, originando a cultura islâmica. Cultura esta que foi influenciada por povos tão distintos como gregos, romanos, bizantinos, indianos, persas, egípcios e chineses.

É importante destacar também que, as línguas da época também possibilitaram uma diversificação da cultura linguística, apresentando a língua e sua variação de dialetos, fazendo com que a história linguística daquela região se propagasse.

Dessa forma, faz-se necessário situar a história dos povos que viveram ali naquela região, compreendendo que Portugal e Espanha são povos e línguas irmãs além de serem línguas neolatinas e que travaram conflitos por posse de território e poder, traçando, assim,

uma nova história a partir dos fatos que ocorrem em prol do surgimento de novas línguas ao longo de sua história, em seu processo de construção histórica, social e linguística.

Com base nos estudos vistos anteriormente, vimos que o processo de formação de ambas línguas se deu gradativamente, no decorrer do tempo. Houve uma diversificação de dialetos entre povos, contribuições relevantes para compreender a nossa história, como suplemento para temática, fonética e ortografia latina: breve consideração.

2.5 Fonética e ortografia latina: breve consideração

O sistema alfabético como tal foi inventado pelos fenícios, povo radicado no litoral do atual Líbano, cujas cidades mais famosas eram Tiro, Sidon e Biblo. Os fenícios, também conhecidos como cananeus, dedicavam-se ao comércio marítimo de todo tipo de mercadorias, de produtos manufaturados à obras de artes, especialmente o da madeira cedro. Sua presença se tornou relevante a partir do século XVI a.C.. Não possuíam uma nação própria, mas um conjunto de cidades aparentadas pelo sangue e por uma atividade comum. Em consonância, Cruz (2023, p. 10) atribui que:

O comércio, mais do que nunca, ajudou na formação dessas regiões, e ajudou a desenvolver as províncias romanas banhadas pelo Mediterrâneo. Para além do mar Mediterrâneo, e de Roma, existiam grandes reinos fora de sua zona de influência. Os romanos sabiam das civilizações chinesa e indiana, não apenas por causa do Helenismo, mas também através de mercadores de outras localidades, não apenas por terra, mas por mar (Kolb; Speidel, 2017, p. 3).

A sobrevivência dos fenícios a diversos impérios se deu pela dedicação exclusiva ao comércio, e isso os levou ao convívio com os povos egípcios, babilônios, hititas, assírios, cartagineses e gregos, de modo que fundaram várias colônias de mercadorias em todo o mediterrâneo.

A idealização do alfabeto se deu no século X a.C.. Na substituição do sistema hieroglífico, utilizado na época para simplificar o registro de mercadorias. Os gregos passaram a adotar esse novo sistema a partir do 800 a.C., aperfeiçoando-o mediante o acréscimo das vogais.

A constante necessidade do controle monetário do povo cananeu devido o comércio marítimo, resultou na invenção do sistema hieroglífico, utilizado para registrar as mercadorias dos comerciantes da época. O que chamamos hoje de alfabeto, deve-se a dedicação dos fenícios.

2.5.1 O alfabeto fenício

O alfabeto fenício, consoante Figura 1, constava de 22 consoantes, um conjunto de sinais estilizados de substâncias, objetos ou órgãos do corpo. É possível ter uma ideia aproximada da sua grafia a partir de três documentos: as inscrições de Yekhimilk, o sarcófago de Akhiram e a inscrição de Mesha.

Figura 1 – Alfabeto fenício

| Figurações aparentes | ALFABETO FENÍCIO | | | PORTUGUES |
|------------------------|------------------------|----------------------|--------------------|-----------|
| | inscrição de Yekhimilk | sarcófago de Akhiram | inscrição de Mesha | |
| boi | 𐤀 𐤁 | 𐤁 𐤂 | 𐤁 𐤂 | A,a |
| casa | 𐤃 | 𐤃 | 𐤃 | B,b |
| camelo | 𐤄 | 𐤄 | 𐤄 | C,G,c,g |
| dobradiça de porta | 𐤅 | 𐤅 | 𐤅 | D,d |
| armadura de janela (?) | 𐤆 | 𐤆 | 𐤆 | E,e |
| gancho, anzol | 𐤇 | 𐤇 | 𐤇 | F,f |
| arma (?), oliva (?) | 𐤈 | 𐤈 | 𐤈 | Z,z |
| cerca (?) | 𐤉 𐤊 | 𐤉 𐤊 | 𐤉 𐤊 | H,h |
| fardo (?) | | 𐤌 | 𐤌 | (th) |
| mão | 𐤍 | 𐤍 | 𐤍 | I,i,j,i,j |
| palma da mão | 𐤎 | 𐤎 | 𐤎 | (k) |
| agulhão | 𐤏 | 𐤏 | 𐤏 | L,l |
| água | 𐤐 | 𐤐 | 𐤐 | M,m |
| peixe | 𐤑 | 𐤑 | 𐤑 | N,n |
| estaca (?) | 𐤒 | 𐤒 | 𐤒 | X,x |
| olho | 𐤓 | 𐤓 | 𐤓 | O,o |
| boca | 𐤔 | 𐤔 | 𐤔 | P,p |
| anzol (?) | 𐤕 | | 𐤕 | Q,q |
| cabeça | 𐤖 | 𐤖 | 𐤖 | R,r |
| dente (?) | 𐤗 | 𐤗 | 𐤗 | S,s |
| marco | 𐤘 | 𐤘 | 𐤘 | T,t |

Fonte: Masip (2003, p. 30).

Após a criação do alfabeto fenício, em prol da beneficência dessa invenção, criou-se o alfabeto grego. Vejamos a seguir.

2.5.2 O alfabeto grego

O alfabeto grego derivou do fenício e originou o latino. Inicialmente escrevia-se da esquerda para a direita, voltando em sentido contrário na linha inferior. Finalmente passou a escrever-se sempre da esquerda para a direita. Os documentos mais antigos mostram que o grego tinha diversos dialetos: o jônico-ático, o dórico, e o eólico aqueu. O grego moderno provém da *koiné*, ou língua comum, derivada do ático. O alfabeto grego consta de vinte e quatro letras. Transcrevemo-lo a seguir, acrescentando o nome clássico de cada uma na

segunda fileira, e a pronuncia em português, na terceira.

Figura 2 – Alfabeto grego

| | | | | | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|---------------------------|-----------------------------|-----------------------------|--------------------------|----------------------------|---------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| A, α <i>alfa</i> a | B, β <i>beta</i> b | Γ, γ <i>gama</i> g | Δ, δ <i>delta</i> d | E, ε <i>èpsilon</i> e | Z, ζ <i>dzeta</i> dz | H, η <i>eta</i> e: | Θ, θ <i>theta</i> th | I, ι <i>iota</i> i |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| K, κ <i>capa</i> k | Λ, λ <i>lambda</i> l | M, μ <i>mü</i> m | N, ν <i>nü</i> n | Ξ, ξ <i>xi</i> cs | O, ο <i>òmicrón</i> o | Π, π <i>pi</i> p | Ρ, ρ <i>ró</i> rh | Σ, σ <i>sigma</i> s |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | | | |
| T, τ <i>tau</i> t | Υ, υ <i>üpsilon</i> ü | Φ, φ <i>fi</i> ph | X, χ <i>khi</i> kh | Ψ, ψ <i>psi</i> ps | Ω, ω <i>omega</i> o: | | | |

Fonte: Masip (2003, p. 31).

2.5.3 O alfabeto alemão

Por sua vez, remonta as fortes influências e evoluções da escrita na região germânica ao longo dos séculos, ele está intimamente ligado a introdução da escrita na Europa por meio dos romanos com o alfabeto latino. Apresentamos a seguir o alfabeto alemão, usando a transcrição romana:

Figura 3 – Alfabeto alemão

| | | | | | | | | |
|-------------|-------------|--------------|-------------|-------------|-------------|------------------|--------------|------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| A, a a: | B, b be: | C, c tse: | D, d de: | E, e e: | F, f ef | G, g ge: | H, h ha: | I, i i: |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| J, j jot | K, k ka: | L, l el | M, m em | N, n en | O, o o: | P, p pe: | Q, q ku: | R, r er |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | |
| S, s es | T, t te: | U, u u: | V, v fau | W, w ve: | X, x iks | Y, y 'ypsilon | Z, z tset | |

Fonte: Masip (2003, p. 33).

Depois de conhecer de forma superficial o surgimento dos alfabetos fenício, grego e alemão, na próxima sessão, adentraremos nos estudos relacionados às vogais da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE).

2.6 As vogais em Língua Portuguesa (LP) e em Língua Espanhola (LE)

A maior parte do léxico de ambas as línguas (em torno de 75%) provêm do latim. A seguir será apresentado o esquema da derivação do sistema vocálico latino no período clássico a partir do império romano, antes de esmiuçar as influências no Português e no Espanhol. Uma vogal é um núcleo silábico, do ponto de vista fonológico, e uma emissão sem obstáculos, sob o aspecto fonético. As vogais latinas são **a, e, i, o, u**. No período clássico (século III a.C. ao I d.C.), dividiam-se em longas e breves. A partir da época imperial (século I d.C. em diante), foram evoluindo até se transformar em abertas e fechadas, como consta na tabela.

Quadro 1 – Apresentação das vogais do latim clássico e do latim vulgar

| Vogais do latim clássico | Vogais do latim vulgar |
|--|---------------------------------|
| a breve: <i>fǎba</i> (fava, haba) → | →↓ |
| a longo: <i>plātu</i> (prato, plato) → | → a fechado: <i>faba, platu</i> |
| e breve: <i>děce</i> (dez, diez) → | → ε aberto: <i>dεce</i> |
| e longo: <i>acētu</i> (azedo, ácido) → | → e fechado: <i>acetu</i> |
| i breve: <i>īlle</i> (ele, él) → | → ↓ |
| i longo: <i>fīlu</i> (fio, hilo) → | → i fechado: <i>ille, filu</i> |
| o breve: <i>rōta</i> (roda, rueda) → | → o aberto: <i>rōta</i> |
| o longo: <i>flōre</i> (flor) → | → o fechado: <i>flore</i> |
| u breve: <i>lŭpu</i> (lobo) → | → ↓ |
| u longo: <i>acūtu</i> (agudo) → | → u fechado: <i>lupu, acutu</i> |

Fonte: Masip (2003, p. 37).

As vogais latinas longas e breves podem ser tônicas ou átonas. Uma vogal seguida de outra vogal é geralmente átona, deslocando a tonicidade à vogal anterior: *filius* (filho, hijo), *aureus* (áureo), *victoria* (vitória, victoria). Uma vogal seguida de duas consoantes é geralmente tônica: *iucundus* (divertido), *magister* (mestre, maestro), *puella* (menina, niña).

Após os estudos apresentados anteriormente no quadro 1 por Masip (2003), em relação as derivações das vogais da Língua Portuguesa (LP) e da Língua Espanhola (LE), vejamos a seguir, os ditongos e a sua realização em Português e Espanhol.

2.7 Os ditongos e a sua realização em Português e Espanhol

O latim clássico possuía, além de vogais longas e breves, que evoluíram para fechadas e abertas, ditongos que cristalizaram em português e espanhol após se misturar com encontros vocálicos de origem germânica e árabe. Os ditongos são, do ponto de vista fonológico, sílabas que têm uma vogal como núcleo e semivogais ou semiconsoantes como margens, e, sob o aspecto fonético, conjuntos de emissões ou de emissões e articulações. Os ditongos latinos, estritamente falando, são três, sempre longos: **ae** – *caecus* (cego, ciego), **oe** – *poena* (pena), **au** – *causam* (causa). Os exemplos, que serão apresentados a seguir, foram retirados de Masip (2003, p. 37-48).

ae. Pronuncia-se **ai** em latim clássico. Evoluiu rumo à monotongação, ou seja, para um som vocálico simples [e] → [ɛ], no latim vulgar e, posteriormente, nas línguas românicas, cristalizando em [ɛ] aberto em português e em ditongo crescente [je] em espanhol: *quaerit* (quer, quiere), *caeco* (cego, ciego), *caelu* (céu, cielo); **oe.** Pronunciava-se **oe** em latim clássico. Também evoluiu rumo à vogal simples e fechada **e** em ambas as línguas: *poena* (pena), *coena* (ceia, cena), *foedu* (feio, feo); **au.** Pronunciava-se **au** em latim clássico. Manteve-se em latim vulgar, migrou para **ou** em português e evoluiu para uma vogal simples em espanhol e em outras línguas neolatinas: *audit* (ouve, oye), *paucu* (pouco, poco), *tauru* (touro, toro), *auru* (ouro, oro), *pauper* (pobre, pobre), *lauru* (louro, lauro [variante erudital]). **ai.** Em latim vulgar, a queda da consoante **v** (ou da vogal **u**) da primeira pessoa do singular do perfeito **avi** (o **aii**), apenas nos verbos da 1ª conjugação, originou uma sequência vocálica, a princípio dissilábica, que acabaria por tornar-se ditongo e passaria ao português como **ei**, simplificando-se em espanhol como **e**: *cantavi* > *cantai* (cantei, canté).

Em meio ao processo evolutivo em ambos idiomas, os ditongos são formados pela combinação de duas vogais, sendo uma vogal e uma semivogal, essa junção forma um único núcleo de sílaba. No Português e no Espanhol, há diferenças na realização e na frequência dos ditongos.

O idioma Português possui os ditongos crescentes e decrescentes. Ditongos crescentes: são formados por uma vogal mais fraca seguida de uma mais forte. Exemplos: "pai", que vem a ser uma palavra de cavidade oral; e "mão", de cavidade nasal. Ditongos decrescentes: são formados por uma vogal mais forte seguida de uma mais fraca. Exemplos: "céu", "pouco" ambas de cavidade oral.

No idioma Espanhol, os ditongos são comuns e seguem um padrão específico, podemos encontrar ditongos crescentes (quando a semivogal precede a vogal) exemplo: "cielo", "fuerte" ditongos decrescentes (quando a semivogal segue a vogal) exemplo: "cual".

Vimos que o Português e o Espanhol, ambas línguas, derivadas do latim, são idiomas que têm suas próprias regras e padrões de formação dos ditongos, o que contribui para as suas

distintas características fonéticas e ortográficas.

2.7.1 Vogais átonas

Consideremos a evolução das vogais átonas latinas, germânicas e árabes até a sua cristalização em ambas as línguas, em quatro contextos: Os exemplos que serão apresentados na seguinte sessão foram retirados de Masip (2003, p. 37-52):

Vogais iniciais: normalmente, conservam-se, mas são menos firmes do que as vogais tônicas: *amicu* (amigo), *caballu* (cavalo, caballo), *recitare* (rezar), *securu* (seguro), *riparia* (ribeira, ribera), *collocare* (colocar, colgar), *nominare* (nomear, nombrar), *vagina* (bainha, vaina); exceções: as procedentes de **i, u** latinas breves podem mudar para **e, o**, respectivamente: *minutu* (mijudo, menudo), *supervia* (soberba, soberbia); **a** inicial pode transformar-se em **ei/e**: (*lactuca* [lechuga – sólo en español], *bsiare* [beijar, besar]), e em **ou/o** quando seguido de **u** ou **i** velarizado: (*laudare* [louvar, loar], *autumnu* [outono, otoño], *altariu* [outeiro, otero]); em alguns casos, devido à queda de uma consoante inicial, muda a vogal – pelo fenômeno da assimilação à vogal seguinte, apenas numa das línguas: *palumbu* (pombo, palomo); quando a vogal inicial esta desprotegida, ou seja, não é precedida de consoante, pode desaparecer, ficar, mudar ou nasalizar-se: *amaricare* (amargar), *acume* (cume, cumbre), *horologiu* (relógio, reloj), *epigru* (prego), *episcopu* (bispo, obispo), *examine* (exame, enjambre), *ejectare* (enjeitar, eyectar), *hibernu* (inverno, invierno); mudanças por dissimilação ou afastamento de outra vogal: *bilancia* (balança, balanza), *novacula* (navalha, navaja), *mirabilia* (maravilha, maravilla); mudança por dissimilação ou afastamento de outra vogal: *rotundo* [redondo], *tonsoria* [tesoura, tijera]; mudança de **e** para **a** na maior parte dos contextos: *verrere* [varrer, barrer], *regina* [rainha, reina], *tripale* [trabalho, trabajo]; mudança de **e** em **i**: *denariu* [dinheiro, dinero]; acréscimo de vogal: *pruneu* (abrunho [ameixa], pruno [ciruelo], *nannu* (anão, enano), *vulture* (abutre, buitre); mudanças de **as, os** por **es**: *abscondere* (esconder), *obscuru* (escuro, oscuro); Vogais finais. Reduzem-se as três: **a, e, o**. O panorama é um pouco mais complexo que nos casos anteriores: o **a** se conserva: *rosa* (rosa), **e/i**, longos ou breves, passam para **e** relaxado (som [i] em português): *aperit* (abre); **unde** (onde, donde), *consuetudine* (costume, costumbre), *dixi* (disse, dije), *martis* (mar, martes); **e** se perde quando sucede às consoantes N, L, R, S, C em ambas as línguas: *finē* (fim, fin), *fidēle* (fiel), *moverē* (mover), *mense* (mês, mes), *luce* (luz); e permanece, so em português, após T y D: *virtute* (virtude, virtud), *mercede* (mercede, merced), *felicite* (felicidade, felicidad), *tranquillitate* (tranquilidade, tranquilidad); **o/u**, longos ou breves, passam para **o** relaxado (som [u] em português): *cito* (cedo [só em português]), *quomodo* (como), *quaero* (quero, quier), *dominu* (dono, dueño), *lingnu* (lenho, leño), *fructu* (fruto); os substantivos procedentes de palavras latinas terminadas em **udinem, onem** ditongam-se na última sílaba, em português, e trancreve-se travados por consoante, em espanhol: *solicitudinem* > *solitudinē* (solidão, soledad), *sermonem* (sermão, sermón); nas conjugações, as vogais finais aparecem livres em ambas línguas (**amem** [ame] ou travadas por **n**, em espanhol, e ditongadas ou travadas por **m**, em português: *cantant* (cantam, cantan), *cantabunt* (cantarão, cantarán).

Embora tenhamos recorrido a fontes como a Gramática Histórica, manuais, livros, artigos científicos, entre outros materiais que apresentam estudos relacionados às vogais átonas na época da idade clássica, entende-se que essas vogais assumem um papel importante

na estrutura das palavras, como também na pronúncia. Nessa época, a Língua Portuguesa estava em estágio de desenvolvimento e evolução, as regras e pronúncias das vogais átonas podem ter sofrido variações. No entanto, por meio dos materiais consultados, podemos dizer que essas vogais desempenham um papel semelhante ao das vogais átonas da língua atual, contribuindo para a estrutura silábica e a fluidez da fala humana.

2.7.2 Vogais tônicas

De acordo com Masip (2003), o Português e o Espanhol conservam o perfilônico paroxítono latino (acento de intensidade na penúltima sílaba), mas o espanhol perdeu os fonemas vocálicos abertos tais como existiam no latim vulgar, conservados pelo português. Uma análise das transformações vocálicas nos ajudará a entender a situação atual de ambas.

As línguas germânicas e o árabe também são paroxítonas, mas carecem de vogais abertas. Derivaram para o Português e o Espanhol de modo semelhante ao latim. Os exemplos que serão apresentados na seguinte seção foram retirados de Masip (2003, p. 37- 48).

O *a* tônico latino, originariamente longo ou breve, permanece a em ambas as línguas: *matre* (mãe, madre), *patre* (pai, padre), *palatiu* (palácio, palacio), *aqua* (água, agua), *pratu* (prado), *facis* (fazes, haces), *ala* (asa, ala). Exceções: *fame* (fome, hambre), *calamu* (colmo). O *e* tônico latino, originariamente longo, e o i tônico latino, originariamente breve, geram um e fechado em ambas as línguas: *secretu* (segredo, secreto), *plenu* (cheio, lleno), *tela* (teia, tela), *vice* (vez), *síte* (sede, sed), *pílu* (pelo), *tímet* (teme). O *e* tônico latino, originariamente breve, produz um som [ɛ] aberto em português e um ditongo crescente [je] em espanhol: *serra* (serra, sierra), *ferru* (ferro, hierro), *herba* (erva, hierba); *pelle* (pele, piel), *sella* (sela, silla < siella), *septem* (sete, siete), *merda* (mërda, mierda), *festa* (festa, fiesta), *lepore* (lebre, liebre), *pede* (pè, pie), *petra* (pædra, piedra), *fele* (fèl, hiel), *melle* (mèl, miel). Exceções: *metu* (medo, miedo).

O *i* tônico latino, originariamente longo, realiza-se como i em ambas as línguas: *scriptu* (escrito), *mille* (mil), *filia* (filha, hija), *filu* (fio, hilo), *subtilis* (sutil). O *o* tônico latino, originariamente breve (algumas vezes, longo), realiza-se como [ɔ] aberto em português e como ditongo crescente [we] em espanhol: *rota* (roda, rueda), *porta* (porta, puerta), *focu* (fogo-fogos, fuego), *grossu* (grosso-grõssa, gruesso), *fossa* (fõssa, fossa), *costa* (cõsta, cuesta), *ossu* (osso-õssos, huesso), *forte* (fõrte, fuerte), *porcu* (porco-põrcos, puerco), *morte* (mõrte, muerte), *portu* (porto-põortos, puerto), *dormit* (dõrme, duerme), *molle* (mõle, muelle), *potet* (põde, puede), *novu* (nõvo-nõvos, nuevo), *novem* (nõve, nueve), *mõrit* (mõrre, muere), *mõla* (mõela, muela). O *u* tônico latino, originariamente breve, produz [o] fechado em ambas as línguas: *bucca* (boca), *furca* (forca, horca), *dulce* (doce, dulce [palavra erudita]), *surdu* (surdo [palavra erudita], sordo), *ursu* (urso [palavra erudita], oso), *lumbu* (lombo, lomo), *musca* (mosca), *pulbeve* (põ, polvo), *gula* (gola), *lutu* (lodo), *cruce* (cruz [palavra erudita]), *nuce* (noz, nuez [poco claro]).

As vogais tônicas derivadas do latim vulgar foram conservadas pelo português, no

entanto, é importante ressaltar que, ao longo do tempo, essas vogais sofreram diversas mudanças fonéticas e fonológicas e desempenhavam um papel fundamental na estrutura vocálica (pronúncia) das palavras, uma vez que uma vogal tônica é adicionada em uma palavra, pode alterar completamente o seu significado.

Apresentamos a seguir as definições de Fonologia e Fonética, sub áreas da Linguística que são fundamentais para essa pesquisa. Possuem relevantes contribuições no processo do estudo sintético e contrastivo, na classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a LP e LE, por meio de uma análise, é possível detectar interferências ocasionadas pelos brasileiros em relação a aprendizagem da Língua Espanhola.

7.8 Fonologia, fonética e ortografia: definição e classificação

Por serem duas variantes do latim, a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola, possuem muito em comum, inclusive a proximidade na fala, por esse motivo, recorre-se aos estudos da fonética e da fonologia, subáreas da Linguística.

Na perspectiva de Masip (1998, p. 12):

A disciplina que se ocupa do estudo dos sons da linguagem se divide em: a) fonologia, que estuda a forma de expressão; b) fonética, que estuda a substancia da expressão. A fonologia estuda os elementos fônicos de uma língua do ponto de vista da sua função no sistema da comunicação linguística. A fonética estuda os elementos fônicos de uma língua do ponto de vista da sua produção, da sua constituição acústica e da sua percepção.

A Fonologia é a parte da Linguística que estuda o som enquanto signo do código; e a Fonética, o próprio som emitido, captado e percebido; essa seria a pontuação e este, o recorde. A ortografia que estuda o signo linguístico escrito. Naturalmente, a linguagem falada precede a escrita. Ambas se complementam.

Vejamos agora a classificação fonológica articulatória do Português e do Espanhol: vogais.

Quadro 2 – Diagrama fonológico vocálico do Português falado no Brasil

| Vogais portuguesas (Brasil) | Anterior | Central | Posterior |
|------------------------------------|--------------------|----------------|--------------------|
| alta | / i / <u>p</u> iso | | / u / <u>t</u> udo |

| | | | |
|-------------|--------------------|---------------------|---------------------|
| média alta | / e / <u>p</u> eso | | / o / <u>c</u> orpo |
| média baixa | / ε / <u>p</u> é | | / ɔ / <u>ó</u> ra |
| baixa | | / a / <u>p</u> asso | |

Fonte: Masip (2003, p. 11).

Quadro 3 – Diagrama fonológico vocálico do Espanhol (Llorach, 1991/ Quilis, 1993)

| | | | |
|-------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| Vogais espanholas | anterior | central | posterior |
| alta | / i / <u>p</u> ipa | | / u / <u>p</u> upa |
| media | / e / <u>P</u> epa | | / o / <u>p</u> opa |
| baja | | / a / <u>p</u> apa | |

Fonte: Masip (2003, p. 11).

Quadro 4 – Diagramas de fonemas, sons e letras espanholas

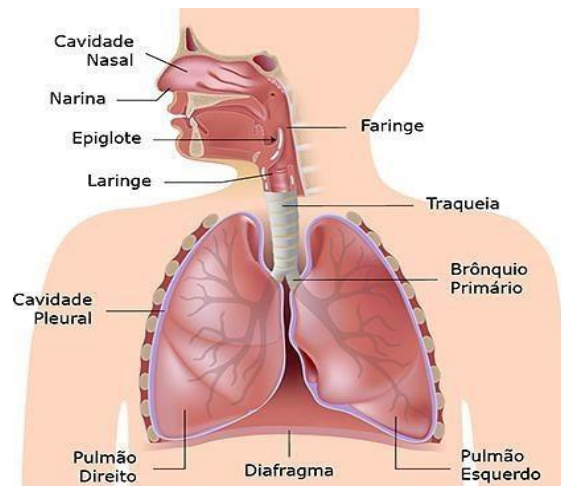
| VOGAIS | | | |
|-----------|------------------------|-------------|--|
| FONOLOGÍA | FONÉTICA | ORTOGRAFÍA | |
| FONEMA | SONS | LETRAS | EXEMPLOS |
| /i/ | [i] cerrado | i, y | <i>p<u>i</u>sa, <u>y</u> c<u>â</u>ndido</i> |
| | [i] abierto | i | <i>v<u>i</u>l, v<u>í</u>ctor, v<u>ir</u>ge, h<u>ij</u>o, r<u>i</u>sa</i> |
| | [̃i] nasalizado | i | <i>m<u>im</u>o, h<u>im</u>no</i> |
| | [j] semiconsonántico | i | <i>n<u>ie</u>va, v<u>ie</u>ne</i> |
| | [̂i] semivocálico | i, y | <i>ba<u>il</u>e, vo<u>y</u>, r<u>e</u>y</i> |
| /e/ | [e] cerrado | e | <i>m<u>e</u>sa, c<u>e</u>se, r<u>e</u>ja, p<u>e</u>rro, ac<u>e</u>lga, h<u>e</u>no, m<u>e</u>nos</i> |
| | [ɛ] abierto | | |
| | [ẽ] nasalizado | | |
| /a/ | [a] médio-palatal | a | <i>ca<u>s</u>a, pa<u>ra</u>de<u>r</u>o, a<u>l</u>to, ra<u>t</u>o, ba<u>r</u>ro, a<u>j</u>o, a<u>ñ</u>o, ma<u>ñ</u>o</i> |
| | [ɤ] velar | | |
| | [ã] nasalizado | | |
| /o/ | [o] cerrado | o | <i>so<u>b</u>re, zo<u>z</u>o<u>b</u>rar, o<u>j</u>o, ro<u>j</u>o, ho<u>r</u>ror, o<u>l</u>ga, o<u>n</u>ce, mo<u>m</u>o</i> |
| | [ɔ] abierto | | |
| | [õ] nasalizado | | |

| | | | |
|--------------------|-------------------|----------------|--|
| /u/ | – | u | <i>que, guitarra, puro, subir, muge, rudo, zurra, ultra, uno, immune, igual, argüir, Williams, causa</i> |
| | [u] cerrado | u | |
| | [ʊ] abierto | u | |
| | [ã] nasalizado | u | |
| | [w] semiconson. | u, ü, w | |
| [ʊ] semivocálico | u | | |

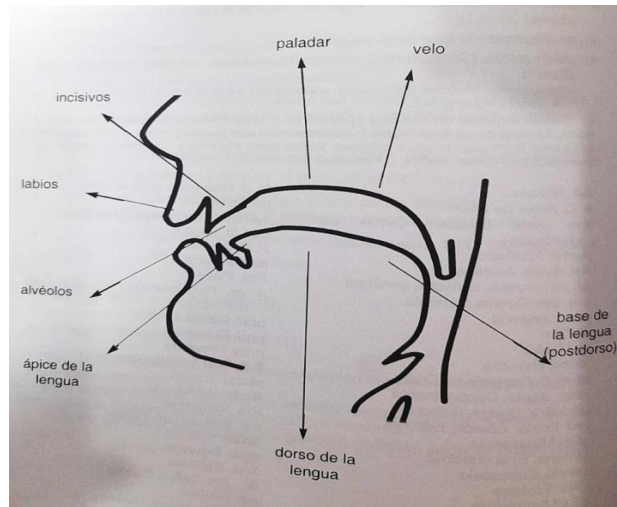
Fonte: Masip (2003, p. 20).

Para fins de exemplificação, apresentaremos a composição do aparelho fonador para compreender a forma como os sons são produzidos e articulados. Na figura 4, podemos observar os órgãos do corpo humano que desempenham papel na produção da fala, fazem parte do sistema respiratório (diafragma, pulmão direito e pulmão esquerdo, cavidade pleural, brônquio primário, traqueia, laringe, epiglote, faringe, narina, cavidade nasal). Na figura 5 apresentamos especificamente a região da boca, órgãos encarregados pela emissão do ar (base da língua (pós-dorso), dorso (parte de trás da língua), ápice da língua, alvéolos, lábios, dentes incisivos, paladar e velo).

Figura 4: Sistema respiratório



Fonte: <https://brasilecola-uol-com-br.cdn.ampproject.org>.

Figura 5: Aparelho articulatório

Fonte: Masip (2003, p. 24).

Após apresentar os conceitos de fonologia fonética e ortografia, juntamente com a classificação fonológica e articulatória do Português e do Espanhol por meio de quadros demonstrativos, como também, as figuras representativas do sistema respiratório, a seguir apresentamos a emissão e grafia das vogais espanholas.

2.9 Emissão e grafia das vogais espanholas

O espanhol tem cinco fonemas vocálicos em qualquer posição: /i/ *ira*, /e/ *mesa*, /a/ *massa*, /o/ *hora*, /u/ *uso*. O português falado no Brasil possui sete fonemas vocálicos em sílabas tônicas (acentuada, ortográfica ou prosódicamente): /i/ *fita*, /e/ *mesa*, /ɛ/ *café*, /a/ *massa*, /ɔ/ *glória*, /o/ *poço*, /u/ *susto*; cinco em sílaba átona: /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ e apenas três em sílaba átona no final da palavra: /i/ *verde*, /a/ *casa*, /u/ *campo*. O latim possuía vogais longas e curtas; alguns destes últimos foram ditongados em espanhol e abertos em português: *pie*, *pé*; *prueba*, *prova*. Teyssier (1997 *apud* Masip, 2003, p. 25-26).

Quadro 5 – Contrastes fonológico/ortográficos em Português

| FONEMAS | EXEMPLOS | GRAFEMAS | ALFABETO |
|--------------------|--------------------------------|-----------|------------------------|
| /i/ Pl Alt Ant | P <u>i</u> se Y <u>o</u> rk | i, e y | i/l (9) – e/E (5) - |
| /e/ Pl Md/ Alt Ant | p <u>e</u> so | e | 5 |

| | | | |
|----------------------|------------------|------|---------------------|
| / ε / Pl Md/Bx Ant | p <u>e</u> sa | e | 5 |
| / a / Vl Bx Cent | pa <u>a</u> | a | a/A (1) |
| / o / Vl Md/Bx Post | po <u>o</u> | o | o/O (14) |
| / o / Vl Md/Alt Post | po <u>o</u> | o | 14 |
| / u / Vl Alt Post | p <u>u</u> lso | u, o | u/U (20) - O/o (14) |
| | arg <u>u</u> ir | ü | 20 |
| | <u>W</u> illiams | w | - |

Fonte: Masip (2023, p. 17)

Quadro 6 – Contrastes fonológico/ortográficos em Espanhol

| FONEMAS | EXEMPLOS | GRAFEMAS | ALFABETO |
|----------------------|---------------|----------|-----------------------|
| / i / Pl - Alt - Ant | Pise | i | i/I (9) |
| | Él y tú | y | y/Y- i griega (26) |
| / e / Pl - Md - Ant | peso | e | e/E (5) |
| / a / Vl - Bx- Cent | pasa | a | a/A (1) |
| / o / Vl -Md-Post | pozo | o | o/O (16) |
| / u / Vl- Alt- Post | pulso, guerra | u | u/U (22) |
| | argüir | | 22 |
| | whisky | | w/W-uve doble (24) |

Fonte: Masip (2023, p. 18)

Referente ao segundo objetivo da pesquisa, se desenvolveu um estudo sintético contrastivo e a classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola, para melhor compreensão do processo de comparação do sistema fonético/ortográfico, foram atribuídos conteúdos sobre a origem das vogais, que surgiram no período clássico do século III a.C. ao I d.C., as vogais que proveem do latim. Em seguida, a influência vocálica do árabe e das línguas germânicas sobre ambas as línguas que são paroxítonas, juntamente como o Português e o Espanhol que conservam o perfil tônico paroxítono latino, que possui o acento de intensidade na penúltima sílaba.

Dessa forma, faz-se necessária a realização de uma análise contrastiva das vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola, bem como apresentar as dificuldades dos falantes de Língua Portuguesa em relação à Língua Espanhola, auxiliando, inclusive, na descrição

ortográfica.

A análise contrastiva das vogais é uma abordagem dos campos de pesquisa da Linguística, que se concentra na comparação e no contraste das características das vogais em diferentes idiomas ou variedades de uma língua. Essa abordagem é útil para as subáreas da Linguística como a fonética e a fonologia, em que cada uma delas tem sua função nesse processo de análise. Dito em outras palavras, a referida análise contrastiva das vogais da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola traz consigo, as influências históricas e culturais nas mudanças fonéticas/ortográficas sofridas no decorrer do tempo, fornecendo um contexto histórico para a compreensão das diferenças e suas semelhanças, uma vez que há um processo de comparação das vogais nos dois idiomas Português e Espanhol, é possível identificar as diferenças fonéticas e fonológicas que são significativas para os falantes de um determinado idioma que esteja em processo de aquisição de uma segunda língua, é um desafio aprender um novo idioma, especialmente no que diz respeito à produção e percepção das vogais, bem como na identificação das fragilidades no processo de produção do som por parte dos aprendizes.

Após a abordagem dos estudos contrastivos realizados e devidamente feitas as comparações do sistema vocálico da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola, a seguir, se fará presente o processo de identificação das principais dificuldades dos brasileiros em relacionadas as vogais da Língua Espanhola.

2.10 As principais dificuldades fonéticas e ortográficas dos brasileiros em relação às vogais em Língua Espanhola e como superá-las

Esta seção tem por objetivo apresentar as principais dificuldades fonéticas e ortográficas dos brasileiros em relação as vogais da Língua Espanhola. Os estudos que serão desenvolvidos no corpus desse capítulo tem como referência as descrições da Língua Espanhola ancoradas pelo teórico Masip (2003). Tal qual, as descrições das possíveis formas de superar as dificuldades dos falantes brasileiros que serão apresentadas a seguir, estão baseadas no estudo sintético e contrastivo devidamente referenciados pelo autor.

O idioma Espanhol possui cinco fonemas vocálicos em qualquer posição: /i/ ira, /e/ esa, /a/ asa, /o/ ora, /u/ uso. O Português falado no Brasil possui sete fonemas vocálicos em sílabas tónicas (acentuada ortográfica o prosódicamente): /i/ ita, /e/ esa, /ɛ/ é, /a/ asa, /ɔ/ ória, /o/ oço, /u/ usto; cinco em sílaba átona: /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ e apenas três em

sílaba átona no final da palavra: /i/ verde, /a/ casa, /u/ campo. O latim tinha vogais longas e curtas; alguns destes últimos foram ditongados em espanhol e abertos em português: pie, pé; prueba, prova Teyssier (1997 *apud* Masip, 2003, p. 25).

Quadro 7 – Emissão e grafia do fonema espanhol / i /

| FONOLOGÍA | | FONÉTICA | | ORTOGRAFÍA | | | |
|-----------|--|------------------------|--|------------|--|--|--|
| FONEMA | | SONIDOS | | LETRAS | | EXENPLoS | |
| / i / | | [i] cerrado | | i, y | | p <u>í</u> sa, <u>y</u> , cánd <u>í</u> do, | |
| | | [i̞] abierto | | i | | v <u>i</u> l, V <u>í</u> ctor, v <u>ir</u> gen, | |
| | | [ĩ] nasalizado | | i | | h <u>ij</u> o, r <u>is</u> a, m <u>im</u> o, | |
| | | [j] semiconsonántico | | i | | h <u>im</u> no, n <u>ie</u> va, | |
| | | [j] semivocálico | | i, y | | v <u>ie</u> ne, ba <u>ñ</u> le, vo <u>y</u> , re <u>y</u> | |

Fonte: Masip (2003, p. 25).

2.10.1 Dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que realizam / i /

Primeira. Emite o som [j] semiconsoante espanhol de modo más lento, como se tratara de uma vocal plena: **ax[i:ó]ma, v[i:á]já, n[i:é]to** (axioma, viaja, nieto). (Masip, 2003).

Superação. Acelerar a emissão da semiconsoante, realizando um ditongo e não um hiato. Exemplos: Tiene, tiara, viene, esquiar, viaja, piedad, vio, ciudad (Masip, 2003).

Segunda. Nasaliza muito o som do [ĩ ante [m], [n], [ɲ], se essas consoantes nasais estão na mesma sílaba. (c[ĩ]:ta, cinta; t[ĩ]:bre, timbre) como na sílaba seguinte (c[ĩ]:ne, cine; c[ĩ]:ma, cima; n[ĩ]:po, niño). (Masip, 2003).

Superação. Em caso de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (timbre), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (cinta, hincha, pinza...; cf. 4. 14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (ci-ne, ci-ma, ni-ño). Exemplos: Tina, sino, cimbria, himmo, vino, timo, indio, sindico. (Masip, 2003).

2.10.2 Dificuldades ortográficas dos brasileiros diante as letras espanholas que realizam

/i/: i, y. Confundem o i com o y.

Superação. Se escreve com a letra i o som [i], vogal oral plena, situado: No início da

palavra, seguido de consoante: ibérico, icono, ida, iglesia, ileso, imagen, iluminación...;

No final da palavra, se for imediatamente precedido por uma consoante: ahí, así, casí...

Se escreve com a letra **y**: O som [i], conjunção copulativa: tu y yo; ellos y nosotros...; O som [i̞], semivogal, situada no final de palavras terminadas em ditongo descendente: Alcoy, buey, doy, estoy, hoy, ley. (Masip, 2003).

Quadro 8 – Emissão e grafia do fonema espanhol /e/

| FONOLOGÍA | FONÉTICA | ORTOGRAFÍA | |
|-----------|--|------------|---|
| FONEMAS | SONIDOS | LETRAS | EXEMPLOS |
| /e/ | [e] cerrado [e] abierto [ẽ] nasalizado | e | me <u>s</u> a, ce <u>s</u> e, re <u>j</u> a, pe <u>r</u> ro, ace <u>l</u> ga, he <u>n</u> o, me <u>n</u> os |

Fonte: Masip (2003, p. 28)

2.10.3 Dificuldades fonéticas dos brasileiros diante os sons do espanhol que realizam /e/

Primeira. Tende a emitir o som [e] como [ɛ] em sílaba tônica. Por exemplo, pronuncia [ɛ]res em vez de [é]res. (Masip, 2003).

Superação. Pronuncie todos os e em espanhol como você faz as vezes em português: Pêra, mesa, peso. Para isso, deve manter uma distância de 6 à 8 milímetros (a grossura de uma caneta) entre os incisivos e controlar os cantos dos lábios. Exemplos: Ésta, era, celia, chelo, progresos, cero, verbos, regla. (Masip, 2003).

Segunda. Nasaliza muito o som [ẽ] antes [m], [n], [ɲ], ambas essas se essas consoantes estiverem na mesma sílaba (c[ẽ:]so, censo; t[iẽ:]po, tempo) como na sílaba seguinte (c[ẽ:]na, cena, s[ẽ:]ma, sema; p[ẽ:]ña, pena).

Superação. Nos casos de consoante nasal posterior, em uma mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (tiempo), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (menta, censo, trenza...; cf. 4.14) quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (ce-na, se-ma, pe-ña). Exemplos: Pena, quema, sienta, viento, emporio, temple, gente, enano. (Masip, 2003).

Terceira. Tende a emitir, de modo muito fraco, o som [e] como [i], em sílaba átona (cf. 3.1), de final de palavra, é ou não seguida por uma consoante: verd[i], [verd[i]s, sufr[i], sufr[i]s, (verde, verdes, sofre, sufres). (Masip, 2003).

Superação. Emitir o som espanhol [e] levemente acentuado. Exemplos: verde, sable,

vueles, sabes, subes, corte, fuerte, cumbre. (Masip, 2003).

2.10.4 Dificuldades ortográficas dos brasileiros ante a letra espanhola que realiza /e/

O brasileiro fica surpreso com o uso da vogal **e** como conjugação copulativa, em lugar de **y**. Superação. Se escreve com a letra **e** na conjugação copulativa ante o fonema vocálico /i/ escrito **i**, **hi**: Antonio es guapo e inteligente; padres e hijos. Essa substituição não ocorre quando a palavra seguinte começa por **hie**: compra carbón y hierro, porque se trata de um alofano semiconsoantico ([jé]rro). (Masip, 2003).

Quadro 9 – Emissão e grafia do fonema espanhol /a/

| FONOLOGÍA | FONÉTICA | ORTOGRAFÍA | |
|-----------|---|------------|--|
| FONEMA | SONIDOS | LETRA | EXEMPLOS |
| /a/ | [a] médio-palatal [a̠] velar [ã] nasalizado | a | <u>ca</u> sa, <u>pa</u> ra <u>de</u> ro, <u>a</u> lto, <u>ra</u> to, <u>ba</u> rro, <u>a</u> jo, <u>a</u> ño, <u>ma</u> ño |

Fonte: Masip (2023, p. 32)

2.10.5 Dificuldade fonética dos brasileiros ante os sons espanhóis que realizam /a/

Nasaliza muito o som [ã] ante [m], [n], [ɲ], tanto se estas consoantes nasais estão na mesma sílaba (c[ã:]sa, cansa; c[ã:]po, campo) como na sílaba seguinte (v[ã:]no, vano; [rã:]ma, rama; c[ã:]ña, caña). (Masip, 2003).

Superação. Nos casos de consoante nasal posterior, em uma mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (campo), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (manta, cansa, panza); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (ca-na, ca-ma, ca-ña). Exemplos: Paño, clama, planta, amianto, ampara, también, guante, año. (Masip, 2003).

2.10.6 Dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que emitem /o/

O brasileiro tende a transformar o /o/ médio posterior (também chamado fechado) espanhol em /ɔ/ médio /baixo posterior (também chamado aberto), em alguns contextos, sempre em sílaba tônica livre.

Quadro 10 – Emissão e grafia do fonema espanhol /o/

| FONOLOGIA | FONÉTICA | ORTOGRAFIA | |
|-----------|--|------------|--|
| FONEMAS | SONS | LETRAS | EXEMPLOS |
| /o/ | [o] cerrado [ɔ] abierto [õ] nasalizado | o | S <u>o</u> bre, z <u>o</u> z <u>o</u> brar, o <u>jo</u> , r <u>o</u> jo, h <u>o</u> rr <u>o</u> r, O <u>l</u> ga, o <u>nc</u> e, m <u>o</u> mo |

Fonte: Masip (2023, p. 34).

Primeira. Tende a emitir o som [o] como [ɔ] em sílaba tônica. Por exemplo: pronuncia **j[ɔ]ta** em vez de **j[o]ta** (*jota*). (Masip, 2003).

Superação. Pronunciar todos os **o** do espanhol como você faz as vezes em português: esboo, sopro, coro. Para isso, deve manter uma distância de 6 à 8 milímetros (a grossura de uma caneta) entre os dentes superiores e inferiores e formar um círculo com os lábios. Exemplos: Jota, poros, llora, adora, sota, coros, rotas, hora. (Masip, 2003).

Segunda. Nasaliza muito o som [õ] ante [m], [n], [ɲ], tanto se essas consoantes nasais estão na mesma sílaba (Alf[õ:]so, *Alfonso*; c[õ:]pro, *compro*) como na sílaba seguinte (z[õ:]na, *zona*; c[õ:]ma, *coma*, ñ[õ:]ño, *ñoño*). (Masip, 2003).

Superação. No caso de consoante nasal posterior, em uma mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (*compro*), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (*monta*, *Alfonso*, *once*...cf. 4. 14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (*zo-na*, *co-ma*, *ño-ño*). Exemplos: *Contra*, *compone*, *conato*, *moño*, *conocer*, *sombra*, *somos*, *bombo*. (Masip, 2003).

Terceira. Tende a emitir, o som de modo muito fraco [o] como [u], em sílaba átona (cf. 3. 1), de final de palavra, esta seguida ou não de consoante: **baj[u]** **baj[u]s**, **sord[u]** **surd[u]s** (*bajo*, *bajos*, *sordo*, *sordos*). (Masip, 2003).

Superação. Emitir o som espanhol [o] levemente acentuado. Exemplos: Cansados, pero, caritativo, comprensivo, sordos, bajo, esfuerzo, flojos. (Masip, 2003).

Quadro 11 – Emissão e grafia do fonema espanhol /u/

| FONOLOGIA | FONÉTICA | ORTOGRAFIA | |
|-----------|-------------------|----------------|---|
| FONEMA | SONS | LETRAS | EXEMPLOS |
| /u/ | – | u | que, guitarra, |
| | [u] cerrado | u | pu <u>r</u> o, su <u>b</u> ir |
| | [u] abierto | u | mu <u>g</u> e, ru <u>d</u> o, zu <u>r</u> ra, <u>u</u> ltra |
| | [ũ] nasalizado | u | <u>u</u> no, inm <u>u</u> ne |
| | [w] semiconsoante | u, ü, W | igu <u>a</u> l, arg <u>ü</u> ir, W illiams |
| | [u̟] semivocálico | u | ca <u>u</u> sa |

Fonte: Masip (2023, p. 36)

2.10.6 Dificuldades fonéticas do brasileiro diante dos sons espanhóis que emitem /u/

Primeira. Emite o som [w] semiconsoante espanhol de modo más lento, como si se tratara de uma vocal plena: **b[u:é]no, s[u:á]ve, n[u:é]vo** (*bueno, suave, nuevo*).

Superação. Acelerar a emissão de uma semiconsoante, realizando um ditongo e não um hiato. Exemplos: Bueno, zuecos, suave, cuero, suelo, fueros, jesuita, nuevo. (Masip, 2003).

Segunda. Nasaliza muito o som [ũ] ante [m], [n], [ɲ], tanto se essas consoantes nasais estão na mesma sílaba (f[ũ:]da, fuñda; c[ũ:]bre, cuñbre) ou na sílaba seguinte (c[ũ:]na, cuña; z[ũ:]mo; zuñmo; c[ũ:]ño, cuñño). (Masip, 2003).

Superação. Em casos de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (cuñbre), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (junta, asunto...cf. 4. 14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (cu-na, zu-mo, cu-ño). Exemplos: Unta, muñón, tumba, tuna, funda, uña, punto, rumbo. (Masip, 2003).

2.10.7 Dificuldades ortográficas dos brasileiros diante a letra espanhola /u/: u

O brasileiro fica surpreso com o uso da letra **u** como conjunção distintiva, em vez de **o**. O uso da letra **u** silenciosa (*quuiso, guuerra*) e do trema (*vergüenza, lingüística*) não constitui um problema especial para o brasileiro, que está acostumado com seu uso em português. (Masip, 2003).

Superação. Se escreve com letra **u** a conjugação disjuntiva antes do fonema vocálico /o/ escrito **o**, **ho**. Exemplo: Escoge entre uno u otro; quiero cuadernos u hojas sueltas. (Masip, 2003).

Após apresentarmos as principais dificuldades dos brasileiros em relação a emissão das vogais do idioma espanhol, tal qual, o modo de superação dessas fragilidades, vejamos agora, o processo metodológico que a investigação adotou.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa nasceu de indagações sem respostas, em questão das minhas dificuldades existentes em relação às produções equivocadas em Língua Espanhola. Os erros na pronúncia das palavras em fase de aprendizagem do Idioma Espanhol, foram o ponto de partida para construção desse trabalho acadêmico, que tem como objetivo geral, realizar por meio da Gramática Histórica portuguesa e espanhola, um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Por ser um tema amplo, isso levou a elaboração de três específicos, sendo: a) verificar as contribuições dos estudos da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa e Língua Espanhola; b) apresentar, a partir de um estudo sintético e contrastivo, a classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a Língua Portuguesa e Língua Espanhola; c) analisar as principais dificuldades fonéticas/ortográficas do brasileiro em relação às vogais em Língua Espanhola e possíveis soluções.

Ao refletir sobre a grandeza dos estudos históricos que revivem o passado, que ultrapassam a linha cronológica e o nosso imaginário, permitindo assim, adentrarmos em fatos antigos, na busca por respostas que pacifique nossas indagações. Para obter tais respostas, é necessário pesquisar. Nesse sentido, Gatti (2007 *apud* Del-Masso 2012, p. 17) ressalta:

O ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos. Um conhecimento que pode até mesmo contrariar esse entendimento primeiro e negar as explicações óbvias a que chegamos com nossas observações superficiais e não-sistemáticas. Um conhecimento que obtemos indo além dos fatos, desvendando processos, explicando consistentemente fenômenos segundo algum referencial.

A pesquisa permite o avanço do discente pesquisador, pela sua ótica, pode-se chegar as raízes de um determinado acontecimento. Nesse caso, referente ao estudo da Gramática Histórica, nos levou a uma busca da formação da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola, ao compararmos com os estudos atuais, são consideradas irmãs, provindas do Latim. Inicialmente foi necessário seguir um caminho metodológico que ajudasse a alcançar os

objetivos que foram traçados no início dessa pesquisa.

A metodologia nasceu da concepção sobre o que podia ser realizado. O primeiro passo para a elaboração do embasamento teórico deste trabalho foi a realização de pesquisas de cunho bibliográfico. Nesse sentido, Marconi e Lakatos (2010, p. 166) explicam que a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão [...].

Nota-se a importância da pesquisa bibliográfica para a elaboração deste projeto, pois é por meio de seus recursos disponíveis que o discente pesquisador ampliará seus conhecimentos sobre a temática, sendo um de seus objetivos, colocar o discente pesquisador em contato direto com tudo o que já foi produzido, discutido e publicado acerca do tema.

Nesse sentido, para suporte teórico, foram consultadas obras de autores e estudiosos que discutem sobre a temática. A título de exemplificação, destacam-se: Masip (1998, 2003); Ausoubel (1980); Bezerra (2011); Coutinho (2011); Dias (2015); Guimarães (2005); Marconi (2009), Oliveira (2009); Fiorin (2017); Magnoli (2006); Robil (1982); Catunda (2021), entre outros com estudos já publicados. Esses, foram de grande relevância para compor e dar seguimento ao referencial teórico dessa pesquisa.

A pesquisa é composta por um levantamento bibliográfico, o corpus desse trabalho é constituído por Gramáticas, manuais, textos históricos e atuais, artigos científicos disponibilizados por meio de sites de internet, como forma de aquisição no suporte teórico, com a intenção de responder aos objetivos acerca da temática abordada.

Mediante as leituras acerca da temática da pesquisa, para alcançar os objetivos traçados, a abordagem qualitativa foi de grande valia ao longo do processo analítico, seguido de pesquisa bibliográfica e documental, que deram suporte ao método analítico-descritivo. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.24) “[...] método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa [...]”.

Para análise e interpretação dos dados, utilizou-se a abordagem qualitativa por meio do método analítico-descritivo. Esta, tem por objetivo a qualidade dos dados da pesquisa e busca explicar o porquê de determinadas ocorrências, acontecimentos ou registros.

Gil (2002, p. 133), dirá que:

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como, a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e redação do relatório.

Esse trabalho também consta com uma pesquisa descritiva, sendo um estudo científico que tem por objetivo descrever um fenômeno, uma situação, de forma detalhada, sem necessariamente buscar explicar as relações de causa e efeito entre as variantes. Dessa forma, a pesquisa é mais subjetiva e seu foco é a compreensão e aplicação dos aspectos da realidade e das dinâmicas das relações estabelecidas socialmente. Segundo Gonsalves (2001, p. 67)

A pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo. Entre esse tipo de pesquisa estão as que atualizam as características de um grupo social, nível de atendimento do sistema educacional, como também aquelas que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis. Nesse caso, a pesquisa não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupasse em apresentar suas características.

Mediante os estudos de cunho teórico-analítico, percebemos que se trata de uma pesquisa documental, uma valiosa forma de investigar evidências pré-existentes, de forma mais simplificada, é uma coleta de dados históricos já existentes, disponíveis publicamente para análise de um tema específico.

Com o aporte teórico de Moreira (2009), a análise documental consiste em construir uma base sólida durante as investigações, é essencial que o pesquisador identifique, selecione, analise, e interprete os documentos que achar relevantes para construção da sua pesquisa, isso inclui, a identificação de fontes adequadas, a leitura crítica dos documentos, a organização sistemática da informação, a interpretação dos dados referentes à pesquisa, a citação correta das fontes consultadas, e a verificação da confiabilidade das informações usadas, a modo de refletir de forma imparcial a fonte original, mantendo a integridade dos resultados da pesquisa.

Atendendo ao critério dos procedimentos metodológicos da pesquisa, e devidamente esclarecidos, passaremos a apresentar a sessão de análise e discussão dos resultados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa seção analisaremos e discutiremos os resultados que se apresentam dos dados levantados na pesquisa. Para isso, a análise foi organizada de forma a atender aos objetivos específicos propostos.

4.1 As contribuições dos estudos da Gramática Histórica para a compreensão da Língua Portuguesa e Língua Espanhola

Essa pesquisa desenvolveu-se a partir de contextos históricos, utilizamos aporte teórico do autor Coutinho (2011), que apresenta o estudo da Gramática Histórica de ambas as línguas, sendo ele a conceituar a Gramática Histórica como um ramo da linguística, que se encarrega dos estudos da evolução e das mudanças que ocorrem ao longo do tempo de uma determinada língua, que nesse caso, os estudos são voltados para a Língua Portuguesa e Língua Espanhola, como também, é responsável por analisar e investigar como ocorre o processo de variação linguística, aspectos como, as estruturas gramaticais, vocabulário e pronúncias de uma língua, fatores esses, que se transformam com o passar do tempo. Não muito longe, Coutinho (2011) apresenta a significativa contribuição da Glotologia, em suas palavras conceitua como “[...] a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual [...]”.

Por meio dessa ciência que estuda o passado, e sendo uma aliada para as pesquisas, pode atribuir informações, dados históricos de uma determinada língua e do seu período de formação, desse modo, podemos entender o que se sucedeu tempos atrás e tentar explicar de forma mais abrangente o processo cronológico que esses idiomas sofreram durante seu percurso de formação. Na perspectiva de Coutinho (2011), a Glotologia está vinculada aos estudos da linguagem, se encarrega especificamente os estudos voltados para o som, a voz que o ser humano produz, enquanto a Gramática Histórica está relacionada com o surgimento, origem e evolução da língua como idioma. Ambas estão vinculadas. Com base nas informações fornecidas pela Gramática Histórica. É de suma importância ressaltar as

contribuições que se obteve a partir desses estudos, que inicialmente foi citada a trajetória inicial da Língua Portuguesa e Língua Espanhola, ambas com raízes no latim vulgar.

Com fundamentos em Cegalla (2010) a história da LP retrocede ao século III a.C., com a chegada dos romanos à Península Ibérica. Foram eles que estabeleceram a província chamada Lusitânia, que com a presença dos romanos, o latim começou a ser predominante naquela região. Antes disso, haviam outros povos habitantes da Península Ibérica, a língua falada pelos romanos teve influência de outras línguas, ao começar pelo povo Celta que ali estava muito antes da chegada dos romanos e posteriormente, o visigótico e árabe, com isso, o latim foi se espalhando graças a essas influências. Com o passar do tempo o latim vulgar já transformado pelo contato entre os povos habitantes da Península Ibérica, passou a se chamar galego-português, língua específica na Europa.

Robil (1982), em seus estudos relacionados a expansão da Língua Portuguesa atribui que, no século XV por causa das grandes navegações marítimas dos portugueses com o propósito de colonizar outros povos e territórios, resultaram na expansão do vocabulário, espalhando a Língua Portuguesa por vários continentes do mundo, incluindo o Brasil, África, Ásia e ilhas do Oceano Índico. Nas contribuições de Masip (2003), assim como consta o surgimento da Língua Portuguesa, consta também a história da Língua Espanhola, ambas estão ligadas à história da Península Ibérica, o espanhol tem suas raízes firmadas no latim vulgar, língua introduzida pelos romanos, com o passar do tempo, o latim evoluiu para o latim vulgar hispânico, que deu origem ao castelhano, uma das variantes do espanhol. Por causa das invasões das tribos celtas no noroeste e no sul da Península Ibérica entre os séculos X e XVI a.C., possibilitou o contato entre os povos que ali habitavam.

Por meio da convivência entre povos, houve as trocas de experiências entre seus costumes, culturas e suas línguas, devido essa mistura, ocasionou o surgimento de outras línguas, por conta da adversidade que esses povos tiveram naquele território. Durante a ocupação dos romanos, o latim vulgar foi predominante como língua oficial, conforme Magnoli (2006), após a queda do Império Romano no século V, a Península Ibérica foi invadida pelos povos germânicos, depois no século VIII, veio a invasão muçulmana, e passou a ser dominada pelos árabes. A ocupação dos árabes influenciou fortemente na língua falada na região, o latim vulgar. Depois da reconquista da Península Ibérica pelos cristãos, o latim já possuía influências da língua árabe, e foi evoluindo por toda aquela região. Em meados do século X o rei Afonso conhecido como “o sábio”, consolidou o castelhano como língua oficial durante seu reinado no século XIII e XIV.

Afonso desempenhou um papel fundamental na promoção do castelhano, hoje

conhecido como Espanhol. Afonso prestigiava obras literárias escritas nesse idioma, o que tornou um prestígio entre a nobreza e a corte. Além disso, solicitou que as leis e documentos oficiais fossem escritos no idioma castelhano, para promover e facilitar o acesso à informação para seus súditos. Um fato interessante para a consolidação do castelhano, foi a união de Isabel de Castela e Fernando de Aragón por motivos políticos e expansão de territórios, essa união fez com que o castelhano se tornasse a língua oficial do reino. O casal real, reconhecidos na história como “Reis Católicos” apoiavam as expansões marítimas, sob o seu reinado, Cristóvão Colombo em uma de suas viagens de exploração e colonização, resultou na descoberta das Américas, expandindo ainda mais os horizontes espanhóis, por meio disso, o castelhano se difundiu além do continente europeu fortalecendo ainda mais a identidade espanhola e seu vasto império.

Como adjacente, consultamos Dias (2015) que possui fragmentos da formação dessas duas línguas consideradas irmãs, que embora sejam de raízes latinas e compartilhem histórias semelhantes na Península Ibérica, cada uma se desenvolveu diferente, formando sua própria identidade linguística no decorrer dos séculos. Por serem duas variantes do latim, utilizamos Coseriu (2017), afim de estudar suas raízes em termos de formação da Gramática Portuguesa e Gramática Espanhola, suas semelhanças e divergências. Utilizamos também, Azeredo (2000), que traz informações do surgimento, início da Língua Portuguesa no século XIII, com seu acervo vocabular de 80% origem latina, e 20% por influências pré-romanas, germânicas e árabes, causando o que chamamos hoje de mescla, ou miscigenação.

De modo a verificar as contribuições dos estudos da Gramática Histórica para compreensão da Língua Portuguesa e Língua Espanhola, vemos que o estudo do contexto histórico de uma língua foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que, a contribuição da Gramática Histórica juntamente com o contexto histórico da LP e da LE, deixam transparecer o processo de formação de ambas as línguas, que durante seu percurso de evolução houve importantes acontecimentos que marcaram a história da formação do idioma Português e Espanhol. O suporte teórico da Gramática Histórica da LP e da LE, remonta o passado desde o início da formação da língua como idioma, e na intenção de conhecer as suas contribuições para compreensão da LP e da LE, tivemos acesso a registros que apresentam a origem das línguas, permitindo-nos acompanhar por meio das leituras, seu processo evolutivo ao longo dos séculos, desde sua origem até a forma mais recente.

Isso inclui também, as influências culturais durante o seu percurso, os idiomas citados acima sofreram variações regionais e dialetais que moldaram essas línguas, a história de uma determinada língua, está ligada à história da sociedade, que utilizava vários dialetos como

meio de comunicação. Sabemos que a língua é instável, ela está sujeita a constantes mudanças. De modo a obter respostas para as indagações que envolve uma determinada língua, não basta somente conhecê-la, é necessário estudá-la, ir a fundo de maneira investigativa, em busca de compreender a sua identidade linguística. Desse modo, ter conhecimento dos fatos associados à língua.

Após realizarmos o processo de análise e discussão dos resultados referentes ao primeiro objetivo específico da pesquisa, logo mais, daremos seguimento ao segundo.

4.2 A classificação fonêmico/ortográfico das vogais entre a Língua Portuguesa e Língua Espanhola: um estudo sintético e contrastivo

Na intenção de obter mais informações para o desenvolvimento da pesquisa, exploramos os documentos já publicados por Cruz (2023), que remonta o passado, com objetivo de apresentar suas contribuições com os estudos sobre a origem do alfabeto. Uma exploração fascinante, que nos permitiu entender o contexto histórico por trás desse sistema da escrita, uma invenção muito útil no século XVI e que nos beneficia até hoje. O alfabeto que utilizamos na atualidade tem suas raízes na escrita do povo fenício, também conhecidos como cananeus, habitantes da região do Levante, o atual Líbano. O alfabeto foi criado para auxiliar os cananeus no comércio, mediante as histórias, os fenícios eram dedicados ao comércio marítimo de mercadorias variáveis. Cruz (2023, p. 10) “[...] O comércio, mais do que nunca, ajudou na formação dessas regiões, e ajudou a desenvolver as províncias romanas banhadas pelo Mediterrâneo [...]”.

Para auxiliá-los na compra e venda dos produtos, surgiu o alfabeto, composto por símbolos e letras, que a princípio havia somente a representação das consoantes, e com o passar do tempo, esse alfabeto foi difundido e modificado pelos romanos, que passaram a acrescentar as vogais e ajustar algumas letras para simplificar a compreensão. Durante os séculos seguintes o alfabeto grego passou por várias mudanças; devido à interação cultural entre os povos, surgiram outros alfabetos ao longo da história. Com base nos estudos de Masip (1998), o sistema vocálico latino era composto por vogais breves e vogais longas, que desempenhavam um papel fundamental na estrutura da língua e na pronúncia. As vogais breves eram: “a”, “e”, “i”, “o”, “u”, e possuíam uma emissão mais rápida, enquanto as longas eram representadas por essas mesmas letras, só que, tinham um traço em forma de macro sobre elas, para indicar uma duração prolongada. Exemplos: *ā*, *ē*, *ī*, *ō*, *ū*.

A compreensão do sistema vocálico latino no período clássico foi fundamental para

interpretação e pronúncia dos textos escritos naquela época. Além de ser um aspecto muito importante para os estudos da língua, resulta na forte presença da fonética e fonologia, duas áreas da linguística apresentadas nos manuais de Masip (1998). Em seu cunho teórico sobre a origem das vogais, é apresentado os ditongos no latim clássico, que são formados por uma combinação de duas vogais, sendo a primeira vogal e a segunda semivogal, que dão origem a um único som. São classificados em dois tipos principais: os ditongos crescentes e os decrescentes. Em Masip (2003, p. 37-48) “[...] os ditongos são, do ponto de vista fonológico, sílabas que têm uma vogal como núcleo e semivogais ou semiconsoantes como margens, e, sob o aspecto fonético, conjuntos de emissões ou de emissões e articulações [...]”. O Português e o Espanhol, possuem diferenças na realização e na frequência dos ditongos.

O idioma Português, possui os ditongos crescentes e decrescentes. Ditongos crescentes: São formados por uma vogal mais fraca seguida de uma mais forte. Ditongos decrescentes: São formados por uma vogal mais forte seguida de uma mais fraca. No idioma Espanhol, os ditongos são comuns e seguem um padrão específico, podemos encontrar ditongos crescentes (quando a semivogal precede a vogal) exemplo: “cielo”, “fuerte” ditongos decrescentes (quando a semivogal segue a vogal) exemplo: “cual”. Em ambas as línguas derivadas do latim, as vogais podem ser classificadas em átonas ou tônicas, dependendo do grau de destaque na pronúncia da palavra. Coincidente a Masip (2003), “[...] O português e o espanhol conservam o perfil tônico paroxítono latino (acento de intensidade na penúltima sílaba), mas o espanhol perdeu os fonemas vocálicos abertos tais como existiam no latim vulgar, conservados pelo português [...]”. Nisso, as vogais átonas são aquelas que não recebem a tonicidade principal em uma palavra, ou seja, são menos acentuadas e mais curtas.

No latim, as vogais tônicas são as que recebem acentuação de tonicidade. Cabe destacar, que mesmo o Português tenha conservado as vogais tônicas derivadas do latim, ao longo do tempo, essas vogais sofreram diversas mudanças fonéticas e fonológicas. A modo de contribuir para o avanço da pesquisa, Masip (2003) torna visível no campus da linguística a contribuição da fonética e da fonologia, duas áreas interligadas, que se dedicam ao estudo dos sons da fala humana. Sendo a fonética, responsável pela produção, transmissão e recepção dos sons da fala, ela é encarregada por analisar os aspectos físicos e acústicos dos sons, investigando como ocorre o processo de articulação, enquanto a fonologia é a área da linguística que estuda a gramática dos sons, analisando o seu papel na estrutura das palavras e das frases de uma determinada língua, ela é responsável por investigar os fonemas, que são unidades distintas do som, utilizando as regras que governam sua combinação, ou seja, a fonologia se encarrega da organização dos sons em sistemas linguísticos, afim de descrever a

relação do som e seu significado.

Mediante todo o aporte teórico utilizado para o desenvolvimento do segundo objetivo específico da pesquisa, sendo: apresentar, a partir de um estudo sintético e contrastivo, a classificação das vogais entre a LP e a LE, acredita-se que obtivemos mais informações para enriquecer nossa pesquisa, que por meio de um estudo sintético e contrastivo das vogais, foi possível apresentar as implicações que ocorreram em torno da criação do alfabeto, que até então, não tínhamos feito uma pesquisa desse cunho, a modo de entender os fatores congestionantes que ocorreram nesse processo da criação de um sistema que revolucionou uma era, e até nossa atualidade, está sendo muito útil para nossa humanidade. Sem contar, com a fascinante história do surgimento das vogais, foram informações relevantes disponibilizadas por Masip (2003).

Em seus estudos teóricos, Masip (2003) faz uso da análise contrastiva, que sem dúvida, podemos afirmar que a utilização desta análise foi crucial na comparação e na classificação fonêmica/ortográfica das vogais entre a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola, ao examinar as diferenças e semelhanças do sistema vocálico de ambas as línguas, ela é capaz de identificar os fonemas vocálicos de um determinado idioma, auxiliando o pesquisador a distinguir as características específicas do sistema vocálico da língua que está sendo utilizada como instrumento de estudo. Ao comparar o sistema vocálico da LP com o da LE, a análise contrastiva ajuda na classificação das vogais, e utiliza um critério fonético para determinar a altura, o arredondamento, a abertura, o grau de acentuação da vogal, entre outros aspectos que são tratados pela análise contrastiva. Ou seja, ajuda na identificação dos padrões de tonicidade que afetam a pronúncia das vogais.

Com isso, torna-se possível classificar de forma mais precisa as características fonêmico/ortográfico das vogais da LP e da LE. Como também, compreender os comportamentos e os fenômenos fonológicos dessas duas línguas provindas de um mesmo Idioma.

Posteriormente, a realização do processo de análise e discussão dos resultados referentes ao segundo objetivo específico da pesquisa, adiante, daremos seguimento ao terceiro.

4.3 As principais dificuldades fonéticas/ortográficas do brasileiro em relação às vogais em Língua Espanhola e possíveis soluções

De modo a aprofundarmos nos estudos relacionados as dificuldades

fonéticas/ortográficas do brasileiro em fase de aquisição do idioma espanhol, consultamos o manual “curso integrado para brasileños”, no qual Vicent Masip (2003), descreve de uma maneira sintética as principais dificuldades fonética/ortográfica dos falantes brasileiros em relação às vogais da Língua Espanhola, como também, as possíveis soluções, afim de amenizar suas fragilidades perante a fala e a escrita nesse idioma. Embora haja muitas semelhanças entre a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola, devido suas origens oriundas do latim, existem diferenças em termos de gramática, vocabulário e pronúncia, que podem ocasionar desafios para os falantes da Língua Portuguesa na tentativa de aprender o Idioma Espanhol.

Todavia, aprender um novo idioma não é tão fácil como parece, mesmo tendo palavras com pronúncias parecidas, as dificuldades do aprendizado se dão devido as interferências, os erros e desvios da língua. As diferenças fonéticas e ortográficas da Língua Espanhola, podem criar desafios para os brasileiros que queiram aprender o idioma espanhol, apresentando fragilidades na hora de pronunciar corretamente as palavras que contém as vogais espanholas, como é o caso do “o” e “u” que são vogais fechadas, ou “a” e “e” vogais abertas. No entanto, as regras ortográficas em questões da escrita são cruciais para compreensão da estrutura nas duas línguas, na pronúncia das palavras, também apresentam variações entre os dois idiomas, o que pode levar a erros ao tentar produzir um enunciado. Uma outra dificuldade dos brasileiros é na pontuação ortográfica das palavras, na maioria dos casos, a acentuação no Espanhol é diferente da acentuação do Português.

No espanhol existem palavras que são átonas, e que podem se tornar tônicas no Português, devido às diferentes regras gramaticais de acentuação. Sobretudo, por entender que a presença dos erros é parte integrada ao processo de aprendizagem, não podendo ser absolutamente evitado. Compreendendo a natureza dos fatos, é necessário se dispor a investigar as origens dos erros, examinando delicadamente o aprendiz e o caminho que o conduz ao equívoco. Por se tratar de uma pesquisa com embasamento em fontes específicas de cunho bibliográfico, como, Gramáticas, manuais e textos históricos, artigos científicos, teses e periódicos renomados, utilizamos como um recurso confiável e de grande contribuição para nossa pesquisa, o livro de “fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños”, com autoria de Vicent Masip (2003), um linguista reconhecido pelos seus trabalhos já publicados, que fornecem uma investigação criteriosa nas diferenças estruturas da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola.

Em suas pesquisas, Masip consegue apresentar as principais dificuldades enfrentadas pelos brasileiros em fase de aprendizagem do idioma espanhol. Sua contribuição é

significativa para o campus dos estudos linguísticos, e isso nos levou a consultá-lo, por elaborar uma análise aprofundada sobre as vogais entre a LP e a LE, de modo a detectar possíveis barreiras ou interferências linguísticas apresentadas pelos brasileiros, e em seguida ele disponibiliza uma sugestão que pode aprimorar o falante nativo da língua portuguesa. Um assunto que engloba literalmente o tema da nossa pesquisa. As dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que realizam / i /, que conforme os estudos de Masip (2003), foram identificadas duas dificuldades, sendo a primeira: o aprendiz emite o som [j] semiconsoante espanhol de modo mais lento, como se tratara de uma vocal plena: ax[i:ó]ma, v[i:ál]já, n[i:é]to (axioma, viaja, nieto).

Modo de superação: Acelerar a emissão da semiconsoante, realizando um ditongo e não um hiato. Exemplos: Tiene, tjara, viene, esquiar, viaja, piudad, vio, ciudad.

A segunda: o aprendiz nasaliza muito o som do [ĩ ante [m], [n], [ɲ], se essas consoantes nasais estão na mesma sílaba. (c[ĩ:]ta, cinta; t[ĩ:]bre, timbre) como na sílaba seguinte (c[ĩ:]ne, cine; c[ĩ:]ma, cima; n[i:]ño, niño).

Modo de superação: Em caso de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (timbre), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (cinta, hincha, pinza...; cf. 4. 14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (ci-ne, ci-ma, ni-ño). Exemplos: Tina, sino, cimbria, himno, vino, timo, indio, síndico.

No caso das dificuldades ortográficas dos brasileiros diante as letras espanholas que realizam /i/: **i**, **y**. Os aprendizes confundem o **i** com o **y**.

Modo de superação. Se escreve com a letra **i** o som [i], vogal oral plena, situado: no início da palavra, seguido de consoante: ibérico, icono, ida, iglesia, ileso, imagen, iluminación...; no final da palavra, se for imediatamente precedido por uma consoante: ahí, así, casí...

Se escreve com a letra **y**: O som [i], conjunção copulativa: tu y yo; ellos y nosotros...; O som [i], semivogal, situada no final de palavras terminadas em ditongo descendente: Alcoy, buey, doy, estoy, hoy, ley.

As dificuldades fonéticas dos brasileiros diante os sons do espanhol que realizam /e/, coincidente aos estudos de Masip (2003), foram apontadas três, sendo a primeira: os aprendizes tende a emitir o som [e] como [ɛ] em sílaba tônica. Por exemplo, pronuncia [ɛ]res em vez de [é]res.

Modo de superação. Pronuncie todos os **e** em espanhol como você faz as vezes em português: Pêra, mesa, peso. Para isso, deve manter uma distância de 6 à 8 milímetros (a

grossura de uma caneta) entre os incisivos e controlar os cantos dos lábios. Exemplos: Ésta, era, celia, chelo, progresos, cero, verbos, regla.

A segunda: Nasalizam muito o som [ẽ] antes [m], [n], [ɲ], ambos essas se essas consoantes estiverem na mesma sílaba (c[ẽ:]so, censo; t[iẽ:]po, tempo) como na sílaba seguinte (c[ẽ:]na, cena, s[ẽ:]ma, sema; p[ẽ:]ña, pena).

Modo de superação. Nos casos de consoante nasal posterior, em uma mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (tiempo), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (menta, censo, trenza...; cf. 4.14) quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (ce-na, se-ma, pe-ña). Exemplos: Pena, quema, sienta, viento, emporio, temple, gente, enano.

A terceira: Tende a emitir, de modo muito fraca, o som [e] como [i], em sílaba átona (cf. 3.1), de final de palavra, é ou não seguida por uma consoante: verd[i], [verd[i]s, sufr[i], sufr[i]s, (verde, verdes, sofre, sufres).

Modo de superação. Emitir o som espanhol [e] levemente acentuado. Exemplos: verde, sable, vuelves, sabes, subes, corte, fuerte, cumbre.

As dificuldades ortográficas dos brasileiros ante a letra espanhola que realiza /e/. Eles ficam surpresos com o uso da vogal e como conjugação copulativa, em lugar de y.

Modo de superação. Se escreve com a letra e na conjugação copulativa ante o fonema vocálico /i/ escrito i, hi: Antonio es guapo e inteligente; padres e hijos. Essa substituição não ocorre quando a palavra seguinte começa por **hie**: compra carbón y hierro, porque se trata de um alofano semiconsoantico ([jé]rro).

Dificuldade fonética dos brasileiros ante os sons espanhóis que realizam /a/. Os aprendizes nasalizam muito o som [ã] ante [m], [n], [ɲ], tanto se estas consonantes nasais estão na mesma sílaba (c[ã:]sa, cansa; c[ã:]po, campo) como na sílaba seguinte (v[ã:]no, vano; [rã:]ma, rama; c[ã:]ña, caña).

Modo de superação. Nos casos de consoante nasal posterior, em uma mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (campo), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (manta, cansa, panza...; cf. 4,14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (ca-na, ca-ma, ca-ña). Exemplos: Paño, clama, planta, amianto, ampara, também, guante, año.

As dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que emitem /o/, concordante com os estudos realizados por Masip (2003), foram detectadas três, sendo a primeira: Tende a emitir o som [o] como [ɔ] em sílaba tônica. Por exemplo: pronuncia j[ɔ]ta em vez de j[o]ta (jota).

Modo de superação. Pronunciar todos os **o** do espanhol como você faz as vezes em português: esboço, sopro, coral. Para isso, deve manter uma distância de 6 à 8 milímetros (a grossura de uma caneta) entre os dentes superiores e inferiores e formar um círculo com os lábios. Exemplos: Jota, poros, llora, adora, sota, coros, rotas, hora.

A segunda: Nasalizam muito o som [õ] ante [m], [n], [ɲ], tanto se essas consoantes nasais estão na mesma sílaba (Alf[õ:]so, *Alfonso*; c[õ:]pro, *compro*) como na sílaba seguinte (z[õ:]na, *zona*; c[õ:]ma, *coma*, ñ[õ:]ño, *ñoño*).

Modo de superação. No caso de consoante nasal posterior, em uma mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (compro), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (monta, Alfonso, once...cf. 4. 14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (zo-na, co-ma, ño-ño). Exemplos: Contra, compone, conato, moño, conocer, sombra, somos, bombo.

A terceira: Tende a emitir, o som de modo muito fraco [o] como [u], em sílaba átona (cf. 3. 1), de final de palavra, esta seguida ou não de consoante: baj[u] baj[u]s, sord[u] surd[u]s (*bajo*, *bajos*, *sordo*, *sordos*).

Modo de superação. Emitir o som espanhol [o] levemente acentuado. Exemplos: Cansados, pero, caritativo, compreensivo, sordos, bajo, esfuerzo, flojos.

As dificuldades fonéticas dos brasileiros diante dos sons espanhóis que emitem /u/, coincidente aos estudos realizados por Masip (2003), foram detectadas duas, sendo a primeira: Emitem o som [w] semiconsoante espanhol de modo más lento, como si se tratara de uma vocal plena: b[u:é]no, s[u:á]ve, n[u:é]vo (*bueno*, *suave*, *nuevo*).

Modo de superação. Acelerar a emissão de uma semiconsoante, realizando um ditongo e não um hiato. Exemplos: Bueno, zuecos, suave, cuero, suelo, fueros, jesuíta, nuevo.

A segunda: Nasaliza muito o som [ũ] ante [m], [n], [ɲ], tanto se essas consoantes nasais estão na mesma sílaba (f[ũ:]da, *fundada*; c[ũ:]bre, *cumbre*) ou na sílaba seguinte (c[ũ:]na, *cuna*; z[ũ:]mo; *zumo*; c[ũ:]ño, *cuño*).

Modo de superação. Em casos de consoante nasal posterior, na mesma sílaba, feche os lábios quando se trata de [m] (cumbre), ou apoie o ápice da língua quando for o caso, em caso de [n] (junta, asunto...cf. 4. 14); quando se trata de consoante nasal posterior, na sílaba seguinte, introduzir uma breve pausa (cu-na, zu-mo, cu-ño). Exemplos: Unta, muñón, tumba, tuna, funda, uña, punto, rumbo.

As dificuldades ortográficas dos brasileiros diante a letra espanhola /u/: **u**. Eles ficam surpresos com o uso da letra [u] como conjunção distintiva, em vez de [o]. O uso da letra **u** silenciosa (*quuiso*, *guuerra*) e do trema (*vergüenza*, *lingüística*) não constitui um problema

especial para o brasileiro, que está acostumado com seu uso em português.

Modo de superação. Se escreve com letra **u** a conjugação disjuntiva antes do fonema vocálico /o/ escrito **o**, **ho**: Escoge entre uno u otro; quiero cuadernos u hojas sueltas.

Referente aos estudos que complementam o terceiro objetivo específico da nossa pesquisa, sendo ele: Analisar as principais dificuldades fonéticas/ortográficas do brasileiro em relação as vogais em Língua Espanhola e possíveis soluções, vale ressaltar que estamos desenvolvendo um trabalho que contribui com os estudos linguísticos, sendo ele, sintético e contrastivo, utilizando materiais já publicados. Nesse viés, foi apresentada uma análise feita pelo linguista Vicent Masip (2003), que após sua contribuição, tornar visível as principais dificuldades dos brasileiros em relação a emissão das vogais do idioma espanhol, tal qual, o modo de superação. Com isso, percebemos que as diferenças fonéticas e ortográficas da Língua Espanhola, podem criar desafios para os brasileiros em seu processo de aprendizagem do idioma espanhol, podendo ocasionar erros no momento de pronunciar ou de escrever as palavras que contém as vogais em língua espanhola.

Na busca de superar tais dificuldades, é necessário o comprometimento com os estudos da Gramática Espanhola, de forma sistemática, isso inclui a escrita e a leitura, já que o espanhol possui sons específicos, e principalmente a prática constante do idioma, o convívio com os falantes nativos ajudará para um aprendizado eficaz.

Após a sessão de análise e discussões dos resultados, a seguir, passaremos a apresentar o item das considerações finais acerca da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tem como objetivo principal os estudos da Gramática Histórica portuguesa e espanhola: um estudo contrastivo sintético fonêmico/ortográfico entre as vogais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Sob o contexto histórico consultado nessa pesquisa, fomos conduzidos a estudos, que ultrapassam a cronologia do tempo, na busca por compreender as raízes que deram origem às duas línguas consideradas próximas, provenientes do latim. Em meio a construção da pesquisa, abordamos alguns aspectos específicos na área da linguística, como a fonética, a fonologia e a ortografia, de modo a detectar as dificuldades que podem ser ocasionadas por brasileiros que queiram aprender a Língua Espanhola (LE).

Mantendo a relevância dos estudos bibliográficos discutidos no corpus da pesquisa, acredita-se que por meio de um estudo sintético e contrastivo das vogais em LP e em LE podemos classifica-las de acordo com os aspectos fonêmico/ortográfico, realizando para esse processo análises contrastivas, sendo esta a encarregada de identificar as semelhanças e as diferenças dos idiomas comparados, na estrutura gramatical, no vocabulário, na fonologia e entre outros aspectos linguísticos. Utilizamos o procedimento analítico como forma de viabilizar a identificação das dificuldades ou fragilidades dos falantes brasileiros que estejam em processo de aprendizagem da LE.

A necessidade de compreensão desses processos surgiu no decorrer de minha formação no curso Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, visto que percebi as minhas fragilidades no decorrer dos processos de ensino e aprendizagem da LE. Acredito que, isso se deu em decorrência de minha Língua Materna (LM) ser a LP, e por não ter cursando a LE no decorrer de minha formação básica, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Com isso, ao ingressar no curso de licenciatura dupla fiquei preocupada, pois não sabia nada de LE, os meus conhecimentos de língua eram referentes à LM, Língua Portuguesa, e a Língua Inglesa (LI). No início, acompanhar os processos de ensino e de aprendizagem de LE era dificultada pela minha insegurança e nenhum conhecimento da língua, me sentia inferior aos demais colegas do curso, e insegura quanto ao desenvolvimento

de meus conhecimentos de oralidade e de escrita na LE. Porém, com o passar do tempo comecei a compreender as estruturas linguística da LE, passando, assim, a desenvolver de forma satisfatória os meus conhecimentos na LE.

Os conhecimentos linguísticos de LP e de LE são imprescindíveis para os futuros profissionais de licenciatura das duas línguas mencionadas, esse fato, é reforçado pela habilitação que recebemos ao concluirmos o curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola. Portanto, é importantíssimo o domínio das gramáticas de ambas as línguas, bem como a fluência oral nas mesmas.

Por fim, acredito que esse trabalho contribui como ponto de partida para futuras pesquisas acerca dos estudos contrastivos dos processos fonêmicos/ortográficos da LP e da LE, que podem ser aprofundadas com o intuito de superar as dificuldades enfrentadas nos processos de ensino e de aprendizagem de línguas, possibilitando, assim, comunicações e interações sociais tanto em LP quanto em LE. Por isso, espero que a presente pesquisa, desperte o interesse dos formandos e formados pela temática e objeto de investigação, com o propósito de estes conduzam outras investigações no campo dos estudos fonéticos, fonológicos e ortográficos que se fazem presentes nas línguas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; PETTER, Margarida. O quimbundo e o português do Libolo (Angola): línguas em contato. **Gragoatá**, Niterói, v. 26, n. 54, p. 193-216, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/46405/28356>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. Línguas semíticas na Universidade de São Paulo. **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo, n.6, p. 15-29, jan. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reo/article/view/90726>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- AUSUBEL, David Paul. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: interamericana, 1980.
- BEZERRA, Antônio Ponciano. História da Língua Portuguesa. **Os árabes na Península Ibérica: legado cultural e linguístico (aula 5)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, p. 45-54, 2011.
- _____, **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. Editora: Atlas, 2008.
- _____, **Semântica: Curso - Oficina sobre sentido e referência**. São Paulo: EPU
- _____, **História da Língua Portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.
- CATUNDA, Márcia Antônia Dias. **A importância do português para o latim**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v. 7, n. 4, p. 450-454, abr. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/978>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48° ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- COSERIU, Eugenio. **“Língua Histórica” e “Dialeto”**. Cadernos de tradução. Porto Alegre, 2017.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ed, 1. Imperial Novo Milênio, 2011.
- CRUZ, Rafael Henrique Santos da. **A conquista dos oceanos: a importância das navegações ibéricas nos séculos XV e XVI para a história da humanidade e da globalização**. 2023. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/35993/1/2023_RafaelHenriqueSantosDaCruz_tcc.pdf. Acesso em: 12 jun. 2024.

DEL-MASSO, Maria Cândida Soares. **Metodologia do Trabalho Científico: aspectos introdutórios**. Editora Oficina Universitária, 2012.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. **Ismael de Lima Coutinho e sua Gramática Histórica**. Goiás, 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/4086>. Acesso em: 13 maio 2024.

FIORIN, José Luiz Org et al. **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5º.ed., 4º reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **A Língua Portuguesa no Brasil**. Cienc. Cult. V57 n.2 São Paulo abr/junho, 2005. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/288741114/Eduardo-Guimaraes-Linguas-No-Brasil>. Acesso em: 03 jun. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**, 2010.

LIMA, Laísy Oliveira Costa de. **A influência árabe na península ibérica e na língua portuguesa**. 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/31915>. Acesso em: 17 de jun. 2014.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MASIP, Vicente. **Fonética espanhola para brasileiros**. Recife: Sociedade Cultural Brasil-Espanha, 1998.

MASIP, Vicente. **Fonologia y ortografía españolas: Curso integrado para brasileiros**. Recife: Bagaço, 2003.

MASIP, Vicente. **Gramática Histórica: Portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**. São Paulo: EPU, 2003.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009, p. 269-279.

_____, **Fonología y ortografía españolas**. Curso integrado para brasileños. 2º ed. Recife: Bagaço, 2003.

OLIVEIRA, Aline Vieira Bezerra Higino de et al. **Estudo fonético – fenológico contrastivo entre a língua portuguesa falada no Brasil e a língua espanhola**. 2009. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/467>. Acesso em: 05 jul. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico - 2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

ROBIL, Affonso. **O Galego-português**. Universidade Federal do Paraná. Letras, Curitiba, 1982. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/issue/view/1076>. Acesso em: 17 de jun. 2024.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líder livro, 2007. p. 86-86. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-609606>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2001. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/373>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Sistema Respiratório, **Brasil Escola**. 2020. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/338403359511684257/>. Acesso em 25 abr. 2024.